

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tamara dos Santos

Imagens e narrativas do 4º Distrito: passado, presente e futuro de um território
imaginado

Porto Alegre

2023

Tamara dos Santos

Imagens e narrativas do 4º Distrito: passado, presente e futuro de um território imaginado

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Vi Grunvald

Co-orientador: José Luís Abalos Júnior

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Tamara dos
Imagens e narrativas do 4° Distrito: passado,
presente e futuro de um território imaginado / Tamara
dos Santos. -- 2023.
83 f.
Orientadora: Vi Grunvald.

Coorientador: José Luis Abalos Júnior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Porto Alegre. 2. Gentrificação. 3. Cidade. 4.
Narrativa. 5. Memória social. I. Grunvald, Vi, orient.
II. Abalos Júnior, José Luís, coorient. III. Título.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Vi e ao Júnior, pelo auxílio e por terem aceitado a orientação. Agradeço também a disponibilidade da banca de avaliação, Cornélia Eckert e Vanessa Marx. Sem a participação de vocês, este trabalho não seria possível neste semestre.

Em segundo lugar, agradeço aos meus colegas de trabalho da Faculdade de Tecnologia SENAI Porto Alegre pela convivência e troca de ideias. Agradeço especialmente ao Márcio Lemos. Por motivos técnicos, seria impossível ter instalado o NVivo sozinha e, sem a ajuda dele, conseqüentemente, a análise dos dados não estaria pronta em tempo hábil.

Em terceiro lugar, agradeço aos colegas, técnicos administrativos e professores do curso de Ciências Sociais, pelo amplo leque de possibilidades interpretativas que me foram apresentados enquanto estive pelos corredores do IFCH, pelos conceitos da Antropologia, da Sociologia, da Ciência Política e da Metodologia Científica que não conhecia (e pouco imaginava) antes de ingressar na graduação.

Em quarto lugar, agradeço imensamente a toda a estrutura possibilitada pela UFRGS para que eu esteja me formando outra vez. Embora com limitações, desde 2012, tive o apoio institucional para realizar minha primeira formação em Letras e para prosseguir nos meus estudos. Mesmo com percalços (tive que interromper o curso de Ciências Sociais em 2018), estou finalizando esse processo tão caro aos meus interesses de pesquisa. Assim, agradeço a Universidade pública, gratuita e de qualidade e desejo que ela permaneça assim por longo, longo tempo. Ainda são necessárias melhorias estruturais, como em toda instituição de ensino, mas a abertura para receber diferentes tipos de alunos e o apoio que a UFRGS oferece é fundamental para que todos que ingressam possam continuar o processo educativo.

Por último, agradeço minha mãe que, apesar de não entender às vezes o que faço, sabe que o ato de estudar é importante para intervir no mundo, seja para arrumar um emprego, tomar decisões, ter perspectivas de crescimento pessoal ou mesmo para perceber as más intenções que existem nele.



Imagem original de Porto Alegre e região obtida pela Earth Science and Remote Sensing Unit, NASA Johnson Space Center

Disponível em:

<https://eol.jsc.nasa.gov/SearchPhotos/photo.pl?mission=ISS067&roll=E&frame=17670>.

Resumo

Este trabalho pretende analisar os dados coletados na pesquisa documental feita em jornais sobre o 4º Distrito de Porto Alegre, do período de 2013 a 2023. Temos como objetivo geral compreender de que modo a mídia tem construído a questão da revitalização/requalificação/renovação através de notícias e reportagens publicadas e que narrativas podem ser elaboradas a partir disso. Como objetivos específicos, pretende-se: analisar como acontece a construção das narrativas do bairro nas reportagens e demais publicações; fazer um mapeamento de como a gentrificação se configura no material; e articular categorias de análise que permitam uma percepção acerca da atuação da mídia na percepção dos bairros. A metodologia qualitativa utilizada para a análise será a teoria fundamentada de Strauss e Corbin (2008), com a utilização de categorias e códigos. Como resultado, percebe-se que há uma elaboração de que a inovação e o empreendedorismo são soluções para colocar a cidade no mapa global e, ao mesmo tempo, privilegiam uma parcela da população em detrimento de outra, o que pode ser visto tanto na narrativa textual quanto na narrativa visual que emerge do material recolhido.

Palavras-chave: Porto Alegre, gentrificação; cidade; narrativa; memória social.

Abstract

This work intends to analyze the data collected in the documentary research carried out in newspapers about the 4th District of Porto Alegre, from the period of 2013 to 2023. Our general objective is to comprehend in which ways the media has constructed the issue of revitalization/requalification/renewal through published news and reports and what narrative matters can be elaborated from this. As specific objectives, we intend to: analyze how the construction of the neighborhood's imaginary occurs in the reports and other publications; to map how the gentrification is set in the concrete; and articulate monitoring categories that allows a perception about the media acting on the neighborhoods' perception. The qualitative methodology used for the analysis will be the grounded theory of Strauss and Corbin (2018), with the use of categories and codes. As a result, it is noticed that there is a perception that the innovation and entrepreneurship are solutions to put the city on the global map and, at the same time, there is a privileging of a portion of the population over another, which can be seen both in the textual and the visual narrative that emerge from the gathered data.

Keywords: Porto Alegre; gentrification; city; narrative; social memory.

Lista de abreviaturas

CP – Correio do Povo

DG - Diário Gaúcho

JC – Jornal do Comércio

ZH – Zero Hora

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – O urbano em questão: interlocuções entre Antropologia Urbana e Sociologia Urbana	17
1.1 – Antropologia e Sociologia Urbana: aproximações, diferenciações, afastamentos (e diálogos)	17
1.2 – Antropologia e arquivo: articulações entre pesquisa documental e etnografia em acervos	21
1.3 – Gentrificação e transformação das cidades: uma breve revisão.....	26
Capítulo 2 - “A formação de um público sem rótulos”: inovação, empreendedorismo e segregação social	35
2.1 – Entre páginas (e mais páginas) de jornais: coleta de dados.....	35
2.2 – As duas faces da mesma moeda: revitalização e gentrificação no 4º Distrito	38
Capítulo 3 – Porto Alegre do Futuro: narrativas de um território idealizado	54
Considerações finais	78

Introdução

A imagem que inicia o trabalho é uma fotografia de Porto Alegre e região metropolitana feita pela NASA em alguma noite de julho de 2022. Há várias possibilidades de interpretação para ela. De início, ao observá-la, há uma região mais luminosa, que são os bairros que fazem parte de Porto Alegre. A região mais luminosa da imagem, do centro à esquerda, são os 81 bairros que compõem a cidade. Pode-se perceber que a luz não é homogênea: há partes em que a luz é mais fraca, ou ainda que estão no escuro. Nem todos os bairros são tão luminosos, pois há diferenças entre eles que vão para além da fotografia.

Nesse sentido, a imagem permite que visualizemos periferias e centros, a partir da distribuição da luz. A região metropolitana que, na imagem, vai até São Leopoldo, faz parte da periferia de luz mais tênue. Conforme a posição fica mais longe de Porto Alegre, a luz vai se enfraquecendo, sem falar nos espaços escuros, que são a metade da imagem. O que haverá neles? Quais são as diferenças entre quem vive na parte mais luminosa e nas periferias da luz? Embora não vamos elaborar respostas para todas essas questões, elas são importantes para introduzir as principais questões desse trabalho.

Voltando à imagem, na região imediatamente ao lado da maior luminosidade, há uma pequena região escura muito perto dos pontos de luz. Por ali estão localizados os bairros do 4º Distrito, objeto do presente trabalho. Se os projetos pretendidos para a região ocorrerem conforme o esperado e planejado, em breve, haverá mais um ponto iluminado em, no máximo, 30 anos. Provavelmente bem antes, na verdade. Tanto o Masterplan quanto o 4D+ são planos de revitalizar a região que estão acontecendo lentamente, ao promover transformações graduais para tornar a região um polo de inovação e empreendedorismo, referência nacional e quiçá internacional, se tudo ocorrer como o esperado.

Por outro lado, outra questão que não se relaciona diretamente, mas que precisa ser evocada, é a da visibilidade das estrelas. O fotógrafo, em algum lugar no espaço, pode visualizar sem problema algum a região e seus contornos, conforme a imagem permite ver. Provavelmente a pessoa que produziu a imagem tem uma visualização impressionante da Terra que não nos é imediatamente acessível. No

entanto, cabe perguntar: e nós, conseguimos visualizar as estrelas, as galáxias e constelações que estão acima? A luz, cada vez mais intensa nas cidades, assim como a poluição e a construção de prédios altos, impossibilita a visualização de objetos, especialmente os mais distantes que, com tanta claridade, parecem nem existir.

Para quem já teve a oportunidade de visualizar planetas e estrelas em um telescópio, talvez tenha sentido a emoção de descobrir visualmente que não somos grandes, que aqueles conteúdos estudados nas algumas de geografia não eram apenas uma informação, mas uma verdade que nos ultrapassa. E a sensação proporcionada por olhar para cima desperta, em algumas pessoas, a imaginação do que acontece por lá. E essa imaginação nos permite viver melhor ao imaginar outras possibilidades de viver e de significar a vida. Só que a possibilidade de ver está sendo mitigada pouco a pouco pelo progresso industrial e pelas tecnologias que auxiliam a vida humana.

Nas regiões escuras adjacentes a Porto Alegre, assim como na cidade, não é possível ver o céu em sua totalidade (há muitos corpos celestes que precisam de pouca luminosidade para serem vistos), mas também não é ainda tão iluminado. De certo modo, quem constrói todo o aparato luminoso e todo seu suporte econômico e social, além de concentrar-se em regiões “melhores” posicionadas, está alienando o direito das pessoas (e de si mesmas) de olharem para o céu. As civilizações antigas e modernas criaram muitas mitologias ao observar o que havia em cima, no céu noturno, mitologias que justificam suas crenças e juízos sobre o mundo. Para encerrar essa reflexão inicial, será que estamos abandonando o hábito de observar o céu, como nossos ancestrais faziam? O que isso diz sobre nós e sobre como entendemos os outros?

A partir dessa primeira reflexão, vamos apresentar nosso estudo. Este trabalho é uma compilação de uma pesquisa em jornais em relação aos projetos de revitalização para o 4º Distrito de Porto Alegre, do período de 2013 a 2023. Este recorte temporal foi escolhido porque a Associação Cultural Vila Flores passou a existir neste ano e serviu para aglutinar práticas relacionadas à economia criativa, bem como Porto Alegre estava em preparativos para a Copa do Mundo e, por isso, certamente receberia turistas estrangeiros, o que demandava transformações na cidade. Outro ponto importante é o início das colaborações entre a prefeitura e Josep Piqué, que é um dos principais responsáveis por criar o Distrito de Inovação

22@Barcelona, na Espanha, pois a cidade apresentava grandes similaridades com Porto Alegre¹.

Dessa maneira, a partir das diferentes perspectivas que aparecem nas notícias sobre os bairros, temos como objetivo geral compreender de que modo a mídia tem construído a questão da revitalização/requalificação/renovação da região através das mídias publicadas. Como objetivos específicos, pretende-se analisar como acontece a construção das narrativas da região nas reportagens e demais publicações, fazer um mapeamento de como a gentrificação se configura no material recolhido e articular categorias de análise que permitam uma percepção acerca da atuação da mídia na percepção dos bairros.

Nesse sentido, as tentativas de requalificação do espaço não são consensuais e há disputas entre os planos da prefeitura e o setor imobiliário que, por um lado, querem renovar o bairro que ficou “marginalizado e degradado” e, por outro, as resistências que se contrapõem às tentativas de “limpeza” do bairro e a luta que travam para permanecer em seu território.

A justificativa para o trabalho, que se aproxima da antropologia urbana, está relacionada com a expectativa da ONU, de 2019, sobre o crescimento da população nas cidades, que prevê que cerca de 70% da população será urbana até 2050². Por isso, no caso de Porto Alegre, a região do 4º Distrito, composta pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá, é hoje uma das menos densas habitacionalmente da cidade, apesar da posição estratégica em relação ao centro. É importante conhecer as características e transformações dessa região, que tem recebido cada vez mais atenção da prefeitura e das construtoras com iniciativas ligadas à indústria criativa e aos empreendimentos comerciais, pois ela poderá receber parte das pessoas em um futuro nem tão distante. Ao mesmo tempo, outra justificativa é que, para compreender como as cidades são imaginadas, é necessário entender as imagens midiáticas que ajudam a consolidar e mudar as imagens que as pessoas têm de um determinado espaço na cidade.

A partir disso, pode-se definir o problema dessa pesquisa como a seguinte questão: quais são as imagens e as narrativas do 4º Distrito publicadas em diferentes mídias impressas e digitais entre 2013 e 2023? Nesse sentido, a fim de

¹ Disponível em: <https://urbsnova.wordpress.com/barcelona/>. Acesso em: 05 abr. 2023.

² Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>. Acesso em: 04 abr. 2023.

recolher e organizar dados sobre a questão, o corpus de análise foi elaborado a partir de uma busca nos jornais impressos Zero Hora, Diário Gaúcho, O Sul e Correio do Povo. Estes foram os jornais selecionados devido à fácil acessibilidade dos dados. Foram selecionadas também mídias alternativas, como publicações de blogues e publicações na internet e o jornal digital Sul 21. Foram coletados dados também do Jornal do Comércio, de maneira parcial, que será detalhada posteriormente.

Antes de prosseguir, cabe retomar o caráter flexível das pesquisas qualitativas, como é também o caso desse trabalho, que não trazem procedimentos únicos a serem seguidos, ao mesmo tempo em que há caminhos possíveis. Assim, o trabalho do cientista social se aproxima do trabalho de *bricolage*, que se aproxima do fazer artesanal e lida com a contingência do que existe no ato de fazer uma pesquisa. Nesse sentido, Levi-Strauss (1989) compara o trabalho de *bricolage* com o trabalho do engenheiro, em que há processos distintos:

O *bricoleur* está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias-primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os “meios limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores. (LEVI-STRAUSS, 2008, p.32-33)

Ao operar com materiais fragmentados, o pesquisador lida com o que possui e a partir do que está disponível (seja como experiência de pesquisa, materiais necessários, repertório bibliográfico, tempo em campo, etc.), diferente de um engenheiro, que delega tarefas para outras pessoas para auxiliá-lo na resolução do problema. Mesmo que haja uma equipe, há a necessidade de trabalhar com o que está à disposição para elaborar respostas para as perguntas de pesquisa, o que envolve um esforço individual e contínuo. Isso pode ser relacionado também ao que Mills (1984) chamou de artesanato intelectual, em que teoria e método devem se tornar parte da prática de pesquisa, que envolve tanto as impressões pessoais e um

desenho de pesquisa que não seja engessado quanto com as anotações e percepções, auxiliadas pelas leituras e observações de campo.

A metodologia adotada para a organização e análise dos dados recolhidos nos jornais faz parte dos métodos de pesquisa da Teoria Fundamentada (Grounded Theory), propostas por Strauss e Corbin (2008) e também a partir de Cohen e Seid (2019). Para a análise dos dados, será utilizado o CAQDAS (Computer Aided Qualitative Data Analysis Software) NVivo, que permite fazer codificações detalhadas do material.

Consideramos que os procedimentos analíticos pertinentes para a análise do material recolhido nos jornais são a codificação aberta (que envolve etapas como a conceituação, a classificação, a vinculação de conceitos para elaborar hipóteses) e a codificação axial (que é o reagrupamento dos dados a partir dos códigos).

Para Cohen e Seid (2019), a codificação aberta se realiza de acordo com a tentativa e erro, ao elencar categorias de análise e posteriormente analisar o material a partir da codificação a partir do que o material oferece em relação ao que foi definido.

Já a codificação axial, que pode ocorrer em paralelo com a codificação aberta ou em etapa posterior, sem que haja prejuízo na análise, ocorre na codificação das do material em subcategorias, quando os dados que foram “quebrados” voltam a ser organizados em outra disposição. Conforme Strauss e Corbin (2008), a codificação axial promove as conexões entre as categorias elencadas na codificação aberta e as subcategorias, que conferem um sentido novo ao material:

A codificação axial exige que o analista tenha algumas categorias, mas sempre começa a surgir durante a codificação aberta um sentido de como as categorias se relacionam. (...) Em termos de procedimento, a codificação axial é o ato de relacionar categorias com subcategorias ao longo das linhas de suas propriedades e suas dimensões. (STRAUSS; CORBIN, 2008, p.124)

Dessa forma, a classificação dos dados acontece a partir das categorias, em uma decisão dos pesquisadores que compromete e delimita a análise a partir do conhecimento teórico e da reflexão sobre os dados coletados, em um arranjo de análise que recolhe e organiza os dados. Em relação ao processo de análise, pode-se dizer também que “não há um conjunto de categorias prévias, sendo que as

mesmas se criam como propostas provisórias e se afinam em um processo recursivo de sucessivas retificações” (2008, p.211). Já em relação aos códigos, “são criados a partir do conjunto de informação específica que se está analisando” (idem).

Ao mesmo tempo, a codificação aberta exige o que Cohen e Seid denominam de “exame minucioso e microscópico dos registros para decompô-los”, em uma decomposição do material recolhido, o que será auxiliado em nossa pesquisa pelo uso do software NVivo, que permite fazer a codificação e retomada detalhada das marcações.

Assim, as etapas de análise a partir da codificação aberta são: 1) relacionar fragmentos textuais com seus correspondentes códigos; 2) fazer anotações sobre códigos; 3) agrupar dados em categorias. Já a codificação axial depende da leitura do pesquisador em relação ao material recolhido e da percepção das subcategorias/códigos.

A partir das discussões que estão sendo feitas sobre as transformações na área conhecida como 4º Distrito, vale recuperar alguns marcos históricos, políticas e sociais que auxiliam a compreender a questão. Conforme Fedozzi (Marx et al., 2022), até 1970, havia uma concentração industrial e operária nas metrópoles brasileiras, inclusive em Porto Alegre, o que começou a mudar nas décadas seguintes. Houve um movimento para a desindustrialização das capitais, que se relaciona com mudanças no modo de produzir e gerir a economia e dos processos de globalização e de reestruturação produtiva.

Nesse sentido, as indústrias deram espaço a novos modos de produção, que estão associados à economia de prestação de serviços. O novo contexto urbano que se deu a partir de então é o de hegemonia do modelo neoliberal de desenvolvimento capitalista e mudanças na dinâmica de acumulação capitalista, que ocorrem através de movimentos de financeirização e extrativismo.

Não houve consenso a respeito do que iria ser feito das áreas industriais, o que gerou certo abandono daquelas áreas na cidade. Tal abandono fez com que a estética do bairro ficasse descuidada e que, por décadas, não houvesse investimentos nem grande interesse residencial, comercial e imobiliário. Parte das pessoas que habitaram a região fazem parte de minorias marginalizadas, pois o aluguel é mais barato em relação a outros bairros e a posição do bairro em relação ao centro facilita muitas das locomoções.

No entanto, a situação foi mudando lentamente, com as proposições de projetos em parcerias público-privadas, o Masterplan e, mais recentemente, o 4D+. Os projetos estão diretamente relacionados com os processos de transformação no 4º Distrito e precisam ser abordados em relação ao contexto de financeirização da terra (Rolnik, 2015) e da conformação de diferentes espaços e formas de apropriação do uso do solo (Almeida e Campos, 2022).

Em relação ao 4º Distrito de Porto Alegre, seus bairros e as propostas de revitalização, Almeida e Campos (2022) afirmam que:

Atualmente o antigo distrito industrial é alvo de diversas propostas de revitalização que diferem quanto ao recorte espacial de intervenção. Tais propostas tendem a dois posicionamentos: a) desconsiderar as práticas espaciais distintas existentes nesses bairros, imputando, ao antigo distrito, uma identidade próxima às novas formas de reconversão econômica, principalmente vinculadas à economia criativa e cultural; b) dividir o território do IV Distrito em três áreas: os bairros Floresta e São Geraldo, mais próximos ao centro e a bairros de classe média e média alta e, portanto, com maior potencial para atrair investidores; o bairro Navegantes como uma área de transição com potencial cultural religioso de distintas matrizes religiosas, sendo privilegiadas pelas propostas, sobretudo as festividades relacionadas à Igreja Católica; por fim, os bairros Farrapos e Humaitá, que, apesar de serem predominantemente residenciais, possuem diferenças marcantes entre si. (ALMEIDA; CAMPOS, 2022, p.290-291)

A partir da diversidade dos espaços e dos usos, os autores destacam que há práticas espaciais distintas, praticadas tanto agentes hegemônicos quanto contra hegemônicos. Nesse sentido, pode-se dizer que há disputas entre diferentes perspectivas que coexistem, tem predileção por um bairro, quem é morador antigo e gostaria de manter a estrutura a qual está acostumado, quem luta para ter um lugar para viver e quem pretende atender às demandas do capital imobiliário com projetos de megaempreendimentos. O mapa abaixo serve para ilustrar a região e, ao analisá-lo, pode-se perceber a proximidade do 4º Distrito ao centro de Porto Alegre, o que a torna uma região de fácil acesso e colabora para a percepção de que a região deve ser revitalizada.

Capítulo 1 – O urbano em questão: interlocuções entre Antropologia Urbana e Sociologia Urbana

Para o devido cotejamento das questões levantadas, a revisão teórica tratará de três assuntos principais, que são: a) estudos de antropologia urbana, sociologia urbana e seus desdobramentos; b) a etnografia feita a partir de documentos em acervos; e c) pesquisas sobre gentrificação que se utilizaram de pesquisa em jornais. Dessa maneira, começaremos com a Antropologia e Sociologia Urbanas.

1.1 – Antropologia e Sociologia Urbana: aproximações, diferenciações, afastamentos (e diálogos)

A antropologia e sociologia urbanas tiveram início a partir do final do século XIX e início do século XX. Um dos precursores dos estudos urbanos foi Georg Simmel (VELHO, 1967), que foi o primeiro a estudar a metrópole e o modo de pensar de seus habitantes e a diferença que havia entre ele o modo como pessoas do campo pensavam. Em um de seus estudos, Simmel propõe que a intelectualidade, também chamada de “intensificação da vida nervosa” (Simmel, 2005) e a impessoalidade eram traços que se desenvolveram no homem citadino, no que denominou como caráter *blasé*, para que fosse possível preservar sua vida subjetiva, já que a vida na metrópole era agitada e demandava muitas ações, ligadas a economia monetária e as constantes interações com desconhecidos. Isso era diferente do que acontecia no campo, onde as relações se pautavam pelos afetos e o tempo não era acelerado. Nesse sentido, aponta que há uma preponderância do espírito objetivo sobre o subjetivo, em que as ações são premeditadas, há compromissos com hora marcada, há uma organização dos horários e afazeres.

Outra precursora dos estudos urbanos foi a Escola de Chicago, com um grupo diversificado de intelectuais e abordagens de pesquisa que se desenvolveu nos Estados Unidos, com estudos que buscavam “identificar e compreender as diferenças socioculturais dentro das grandes cidades em acelerado crescimento” (VELHO, 2009, p.11). Para Velho (1981), ambos os estudos produzidos na época traziam heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, o que inaugurava

a preocupação com o urbano, a cultura urbana e sua diversidade. Nesse período, as duas áreas ainda coexistiam sem diferenciação em métodos e abordagens.

De modo geral, as grandes metrópoles têm como características a extensão e a diversidade de pessoas que as habitam, que aglutina diferentes práticas do espaço e diversos grupos sociais que coexistem em conjunto. Para Gilberto Velho (2009), “A cidade é um dos palcos e desafios principais para essa busca de compreensão e conhecimento da sociedade moderno-contemporânea”, o que justifica o estudo das cidades para conhecer as práticas sociais e entender as transformações no imaginário social e no modo como as cidades se constituem e se transformam ao longo do tempo⁴.

Os estudos sobre mudanças e transformações nas cidades foram tematizados em diferentes autores, que estudam os processos de produção urbana. No Brasil, nos anos 1970 e 1980, houve uma necessidade de compreender as dinâmicas sociais na cidade, que passaram a receber um grande contingente de pessoas vindas do interior em busca de melhores condições de vida, o que acabou por marginalizar parcela da população e trouxe novos problemas⁵. Essa dinâmica de receber pessoas em um espaço com restrições em relação ao tamanho e à infraestrutura faz com que seja necessário modificar regiões para torná-las mais atrativas para um público que poderá vir, embora não se tenham certezas sobre quando ou se haverá de fato uma migração.

A partir de Frúgoli Júnior (2005), é possível estabelecer um diálogo entre as duas áreas que tratam do fenômeno urbano, Antropologia e Sociologia, embora elas se diferenciem pelo método e objeto. O autor destaca que em certo momento, no final da década de 1970, houve a necessidade de diferenciar dois conceitos, a cultura e a ideologia, e sua pertinência nos estudos. O primeiro é bastante amplo e está relacionado às práticas sociais de comunidades e sistemas simbólicos, enquanto que a ideologia está mais vinculada aos estudos marxistas de conflitos entre classes sociais.

Por essa diferença de percepção, podem-se observar diferenças de abordagem, como o exemplo da periferia, que a Sociologia Urbana via como um

⁴ Isso também foi abordado por Oliven (2007, 1ª ed. 1995) em *A antropologia de grupos urbanos*, no capítulo “A utilização de métodos e técnicas antropológicas no estudo de sociedades complexas”.

⁵ WACQUANT, Lóïc. *Os condenados da cidade: estudos sobre a marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2001

processo social para alcançar determinados fins, com o estabelecimento de redes para reivindicação de direitos e luta social. Pode-se dizer, de certa forma, que as preocupações da Sociologia Urbana são mais amplas e compreendem o nível macrossocial. Ao mesmo tempo, a mesma periferia era um “local de prática de formas peculiares de relações de sociabilidade, modos de consumo e lazer, bem como de representações da política” (2005, p.142), o que gerava questões que ultrapassavam o interesse sociológico e se direcionavam ao nível microssocial, que foram sendo elaboradas e discutidas pela Antropologia Urbana. Nesse sentido, as duas áreas se utilizam de etnografias para a pesquisa, mas a diferença consiste no modo como os dados são interpretados e dispostos. Ainda que diferentes, percebe-se que as duas podem contribuir uma com a outra, através de mediações e discussões para entender e interpretar fenômenos urbanos.

A respeito da relação entre Antropologia e Antropologia Urbana, Magnani (2003) entende que o estudo das cidades e das sociedades chamadas complexas é a especificidade da Antropologia Urbana que, ao mesmo tempo que possui o legado da Antropologia geral de investigar comunidades distantes através do método etnográfico, tem como um de seus desafios ter que trabalhar com outros recortes de pesquisa com características radicalmente diferentes.

Um dos desafios é a proximidade do objeto de estudo, que ele chama de tentação da aldeia, que é “a tentativa de reproduzir, no contexto bastante diversificado e heterogêneo das metrópoles, aquele lugar ideal onde supostamente se poderia aplicar, com mais acerto, o método etnográfico” (MAGNANI, 2003, p.83). Nesse sentido, o antropólogo pode querer restringir o objeto de estudo a uma dimensão tão específica que acaba para perder dados do fenômeno social observado, o que não só interfere nos resultados do estudo quanto compromete a validade das observações.

Outro destaque nos estudos de Antropologia Urbana é a questão levantada sobre as identidades dos sujeitos e a noção de eu. Velho (1981) aponta a extrema fragmentação e diferenciação dos papéis sociais e domínios de vivência, que promovem uma diferenciação e um contorno à vida psicológica individual. Nesse sentido, as subjetividades são construções em andamento, que passam por transformações e reelaborações constantes, a partir das tensões, das paixões e dos desejos individuais. Essa dinâmica, para o autor, se relaciona com as dinâmicas de totalização e fragmentação que acontecem com frequência na vida cotidiana das

sociedades complexas e fazem com que haja mudanças na ação dos indivíduos. Há vários mundos que coexistem no mesmo espaço, que é a cidade, onde existem diferentes esferas da vida social acontecendo ao mesmo tempo em que os projetos “se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito” (VELHO, 1981, p.33).

Também deve ser levada em consideração a noção de projeto e campo de possibilidades, que podem ser individuais ou coletivos. Para Velho, os projetos “são elaborados e construídos em função das experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (1981, p.26) e são constantemente atualizados a partir das experiências. Tais projetos são uma tentativa de dar sentido e coerência à experiência de fragmentação que o indivíduo vive, que se relaciona a um modo de ser urbano chamado de individualismo. Sobre a relação entre projeto e campo de possibilidades, Velho defende que:

Embora eles tenham graus de individualidade, o projeto não é totalmente interno e subjetivo, pois “formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes. (VELHO, 1981, p.27)

Os projetos estão ligados intimamente às práticas das sociedades em que são concebidos. Ainda assim, eles variam a partir das localidades e preocupações principais que as comunidades têm em relação aos seus paradigmas particulares e coletivos. Para além da subjetividade das pessoas, a noção de horizonte de expectativas é útil para investigar o que leva as pessoas a tomarem decisões, seja de modo coletivo ou individual. Velho propõe a noção de projeto social, que envolve a formação de grupos que “englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais” (1981, p.26) a partir de interesses comuns. Nesse sentido, além da constante elaboração e reelaboração dos projetos, há uma frequente ressignificação da memória individual e social, que andam em paralelo.

Por último, vamos retomar o conceito de horizonte de expectativas. De acordo com o autor, a percepção do tempo se alterou a partir do século XVI, o que fez com que ele fosse percebido como cada vez mais abreviado. Essa mudança faz

com que haja um horizonte que orienta o indivíduo a agir para atingir seus objetivos e busque realizá-los cada vez de modo mais imediato, pois o futuro é incerto.

A partir de duas categorias antropológicas, o espaço de experiência e o horizonte de expectativas, com a finalidade em entender o tempo histórico, atos históricos devem ser entendidos para que possamos ter a dimensão do que significaram os atos de determinadas pessoas/agentes em certos contextos. Para o autor, “Todo ato histórico se realiza com base na experiência e na expectativa dos agentes” (Koselleck, 2014, p.307). Assim, para elaborar uma narrativa sobre um arco temporal em que estão implicados passado presente e futuro, é necessário entendê-los em relação um ao outro e recompor, na medida do possível, dado o caráter mutável e oscilações dos, que transformações ocorreram e são projetadas a partir dos horizontes de expectativas:

Evidentemente, o que esperamos para o futuro é delimitado de maneira diferente daquilo que experimentamos no passado. Expectativas cultivadas podem ser ultrapassadas; experiências realizadas, no entanto, são colecionadas. Por isso, o espaço de experiência e o horizonte de expectativas não podem ser remetidos um ao outro de forma estática. Eles constituem uma diferença temporal no presente, entrelaçando o passado e o futuro de modo desigual. Com isso, teríamos definido uma característica do tempo histórico que, ao mesmo tempo, pode indicar mutabilidade. (KOSELLECK, 2014, p.308)

Assim, os horizontes de expectativas dos grupos podem ser recuperados dos materiais escritos e recompostos a partir da temporalidade, pois há oscilações geradas pelas transformações temporais e sociais que permitem que possamos flagrar contradições e embates entre grupos e projetos sociais.

1.2 – Antropologia e arquivo: articulações entre pesquisa documental e etnografia em acervos

Passemos agora para o segundo tópico, a etnografia feita a partir de documentos em acervos. De certo modo, Platt (1981, p.33) afirma que a pesquisa documental tem problemas que não são tão diferentes das pesquisas que utilizam outras fontes de dados, pois cada fonte tem seus tipos de problemas bem como o método e a metodologia não podem ser separados de uma questão de pesquisa genuína e uma preocupação em respondê-la.

Assim, ela descreve e analisa as maiores dificuldades quando se trabalha com acervos, e elenca cinco pontos principais, que são:

- 1) problemas para estabelecer a autenticidade dos documentos e dos dados provenientes deles;
- 2) disponibilidade dos documentos relevantes;
- 3) problemas de amostragem;
- 4) problemas de relevância dos documentos e de como eles dizem a verdade sobre o que eles descrevem;
- 5) como decidir quais as inferências que podem ser feitas a partir dos documentos selecionados que vão para além de suas afirmações factuais.

Nesse sentido, vamos recuperar os principais apontamentos da autora sobre pesquisa a partir de documentos conforme a relevância para o corpus a ser analisado. Platt afirma que nem todos esses pontos podem se aplicar a uma pesquisa com documentos, ou seja, talvez alguns podem ser mais importantes do que outros, a depender do tipo de material com o qual se trabalha. No caso do acervo de notícias e mídia publicada em jornais, a questão da autenticidade é menos relevante porque os jornais são um meio legitimado e reconhecido como jornalismo, e as notícias são de um período relativamente recente, em que alguns dos atores que participaram da produção do material ainda estão ativos.

Sobre o segundo item, que é a disponibilidade, Platt defende que o pesquisador precisa usar os documentos que tem, pois nem todos os que ele gostaria de acessar estarão disponíveis. Ao mesmo tempo, um dos riscos que existem é que os documentos selecionados podem gerar dados tendenciosos, o que faz com que o pesquisador construa uma superinterpretação e trate isso como uma questão maior do que de fato é para o contexto. O conjunto selecionado também pode apontar para documentos faltantes como se eles fossem cruciais para a questão e serem enganosos sobre o que aconteceu, pois não há possibilidade de falseamento, a outra parte talvez não tenha produzido documentos que tenham sobrevivido.

Os problemas de amostragem podem acontecer quando há uma grande quantidade de dados, o que pode acarretar uma seleção que sustentam ou apoiam uma hipótese pré-concebida da questão de pesquisa. A partir de uma fidelidade forte à teoria, também pode haver uma delimitação arbitrária de quais dados devem

ser coletados. Outra característica é que eles foram organizados por outros, em categorias que podem ser restritas ou amplas demais para os propósitos da pesquisa. Por outro lado, a partir dos dados recolhidos, pode haver uma tentação para compilar todos os documentos em uma lista, o que Platt entende como trabalhoso e talvez inútil para a questão de pesquisa.

Os documentos são diferentes e únicos, independentes uns dos outros, o que também afeta uma seleção estatística. Há também a questão de quando o pesquisador deve parar de recolher dados que deve acontecer “when all potential types of source have been thoroughly sampled and several further instances of each type do not bring anything new to light” (1981, p. 39-40). O que pode nortear o pesquisador nesse contexto são motivos pragmáticos ou juízos a respeito do que já foi coletado.

Em relação à veracidade dos documentos, Platt afirma que, de maneira frequente, o uso do documento pelo pesquisador é como uma fonte de informações sobre aquilo a que se refere. Nesse sentido, é importante que o pesquisador esteja atento à possibilidade de distorção das informações, seja por interesse pessoal, seja por outros motivos como interesse próprio, mentira, invenção, etc. Em relação a ter várias versões de um mesmo fato, Platt aponta que as discordâncias acontecem pela diferença entre pontos de vista e que, se possível, deve-se construir a partir das fontes um relato composto superior que auxilie na leitura. Outro ponto é que, quando tudo é tendencioso, as fontes funcionam de modo a dar suporte mútuo e o pesquisador deve, em primeiro lugar, ter uma impressão geral do material e, em segundo lugar, escolher itens factuais que se encaixam em uma imagem coerente sobre um evento.

Em relação a estabelecer inferências, a autora descreve fatores a serem levados em consideração, como conteúdos, crenças, motivos de produção do documento. Outro fator bastante relevante é o contexto por trás do documento, assim como dados prévios que possam auxiliar na compreensão, características do público para quem aquela publicação foi feita.

Passemos ao próximo tema, a etnografia em acervos. Cunha (2003) discorre em um trabalho sobre sua experiência de pesquisa nos acervos de Lorenzo Dow Turner e Ruth Landes a partir da seguinte questão: quais são as relações de conhecimento que podem ser estabelecidas diante de uma experiência etnográfica compartilhada de forma distinta? Para respondê-la, é necessário entender algumas

variáveis, como o processo de produção de narrativas a partir do distanciamento temporal e espacial e a relação entre ela e a produção de memória, na qual acontece a re-inscrição e reprodução dos fatos ou mesmo sua alteração, a partir do modo como são organizados e narrados.

Assim, Cunha entende a experiência etnográfica como relação e que o antropólogo estabelece relações com o corpus e lida com a contingência do contexto em que escreve. O arquivo, para o antropólogo, deve ser encarado como um campo entrecortado por intervenções de natureza e temporalidade distintas. Assim, pode-se dizer que a organização do arquivo traz uma percepção, uma possibilidade de interpretação através da disposição dos arquivos, que encaminha seu sentido:

Os usos, arranjos, classificações e indexações que emolduravam os documentos preservados em arquivos - o trabalho de "dar sentido" à lógica aparentemente subjetiva ou confusa do colecionador e do arquivista - indicavam muito mais do que diferentes práticas de atribuição de valor. Sinalizavam uma forma particular de subsumir temporalidades diversas, por vezes condensadas num mesmo indicador cronológico e biográfico. (CUNHA, 2003, p.8)

Dessa maneira, o modo como os arquivos são organizados trazem mais do que práticas de atribuição de valor, pois há podem ser uma tentativa de tornar homogêneo o tempo e uniformizar o sentido que aqueles objetos dispostos em conjunto evocam, a depender de quem o organiza. Cunha destaca então o campo eminentemente político que se coloca na produção etnográfica de sentido.

A autora destaca também a importância de se distanciar do realismo ingênuo ou da ilusão positivista de que os "textos e objetos históricos representam o mundo e as suas inter-relações" (2003, p.10). Visto que a percepção e o modo como organizamos os dados colaboram para a construção do objeto, e que o objeto carrega em si sua temporalidade e a pluralidade de expressões, não é possível ter uma visão neutra a respeito de documentos ou acreditar que eles estão a serviço de uma única leitura.

Nesse sentido, Cunha ressalta os dilemas e os desafios da "incompreensão na experiência etnográfica quando traduzida em silêncio, estranhamento, tentativas de obliteração, revisão, copydesk e outras estratégias para dar sentido à fala do "outro"" (CUNHA, 2005, p.11). O arquivo, para que possa fazer sentido, precisa de

uma percepção que o organiza, reorganiza, reescreve, reelabora, que acaba por interagir e comunicar-se com o passado para ressignificá-lo, em uma (re)elaboração dos significados e sentidos.

Essa interação não é automática, mas envolve uma intencionalidade do antropólogo, que está distanciado do momento em que as mídias do arquivo foram feitas e, por isso, precisa conectar passado e presente, o que pode acontecer através da produção da etnografia. De acordo com Magnani (2003), é possível definir uma etnografia como:

uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha o seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2003, p.84-85)

O texto etnográfico, plenamente controlado pelo autor, também precisa se comprometer com os sentidos de outros que, no arquivo, estão congelados no tempo e servem como fonte de produção e questionamento para o antropólogo. Ou seja, há uma produção do sentido a partir do material que busca recompor o sentido a partir do confronto e atualizá-lo a partir das percepções que são evocadas dali. Cunha aponta a necessidade de produção do tempo etnográfico para que haja uma cronologia de densidade, para que seja possível acessar e ressignificar o passado em “tempo que permanece transformado” e, conseqüentemente, para produzir memória:

Ao invés de pretender retratar fielmente a experiência de campo ou a realidade observada, o tempo etnográfico se prestava a mensurar, de forma explicitamente distante e intervencionista, a interação entre a experiência vivida e a experiência lembrada. Ao contrário do conteúdo e da veracidade de nomes e situações indicados nas legendas, a percepção de que o tempo etnográfico produzira uma cronologia de densidade própria me dava a chance de imaginar um diálogo que, naquele momento, eu já delineara sob a forma de um projeto de pesquisa. O tempo etnográfico sugeria um trabalho específico de produzir memória. (CUNHA, 2003, p.23)

Ainda que o conjunto de dados que compõe o arquivo gere passado, a partir do momento em que ele é posto em movimento, as pessoas que participaram de sua produção não estão mais ali, mas o espaço e as suas adjacências permanecem e ganham outros significados, mas, de certo modo, ele não deixou de ser o mesmo.

1.3 – Gentrificação e transformação das cidades: uma breve revisão

O terceiro tópico da revisão será uma revisão bibliográfica sobre estudos sobre o processo de gentrificação e estudos sobre revitalização das cidades realizados a partir de pesquisas em jornais. Preliminarmente, sobre o conceito de gentrificação, cunhado por Ruth Glass (1912-1990) na década de 1960, Maurício Fernandes de Alcântara (2018) destaca o seguinte: “o termo refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas”. Nesse sentido, pode-se afirmar que os termos gentrificação, requalificação, revitalização e similares são todos nomes que se referem ao mesmo processo, embora com intenções distintas.

Em áreas próximas às capitais, a degradação dos bairros ocorre com o deslocamento das indústrias e deixa resquícios, como o esvaziamento da região e dos valores sociais, funcionais e simbólicos dos prédios antigos, já sem manutenção, que vão se deteriorando com o passar dos anos. Assim, substituir as antigas edificações por novas construções se torna um dos objetivos dos projetos, para que ocorra a modernização e o espaço possa novamente ser convertido em fonte de capital.

No caso do 4º Distrito, de acordo com Marx et al. (2022), existe uma ameaça de gentrificação do bairro Floresta em curso, em uma articulação entre agentes locais e internacionais, que estabelece uma estratégia global-local de internacionalização da cidade (2002, p.166), centrada especificamente na captação de investimentos.

De modo geral, pode-se dizer que esses processos de modificação característicos dos processos de gentrificação acontecem de tempos em tempos, para transformar uma área degradada da cidade que, em geral, já possuía uma estrutura consolidada, herdada dos tempos em que possuía uma área industrial, em um lugar que atraia as pessoas e possa gerar lucros pela construção de grandes

empreendimentos e movimentação de comércio direcionado para o público adequado.

Em primeiro lugar, o conceito de gentrificação tem diferentes aspectos através de diferentes teóricos. A partir de uma compreensão de que o espaço se produz a partir da lógica capitalista, Neil Smith (2007) questiona o uso da expressão pioneiro urbano em relação às grandes incorporadoras ou empresários que dão a ideia de uma pessoa que “importa e vai melhorar a situação da cidade” vai habitar um determinado espaço onde não havia ninguém antes, em uma percepção arrogante sobre quem deve ou não morar em um lugar, como se “a classe trabalhadora urbana de hoje é (fosse) vista como menos do que social, como uma simples parte do meio físico” (2007, p.16). Nesse sentido, as fronteiras que se estabelecem são políticas. Ou seja, apenas quem realmente importa é visto como uma pessoa e os demais cidadãos, que estão ali há tempos, são desconsiderados em relação às mudanças e transformações que ocorrerão a partir da chegada dos pioneiros, sejam incorporadoras, sejam empresários.

De acordo com o autor, a renovação urbana não é nova, no entanto, ele entende que a “intensidade em que esta reestruturação do espaço se apresenta como um componente imediato de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas avançadas” é uma novidade digna de nota. Da mesma maneira, Smith defende que os processos de renovação são recorrentes em várias cidades e são de cinco tipos:

(a) a suburbanização e o surgimento de um diferencial de renda (*rent gap*); (b) a desindustrialização das economias capitalistas avançadas e o crescimento do emprego no setor de serviços; (c) a centralização espacial e simultânea descentralização do capital; (d) a queda na taxa de lucro e os movimentos cíclicos do capital; (e) as mudanças demográficas e nos padrões de consumo.

Dos itens, o que é importante ser ressaltado é que há uma tendência de terrenos nas áreas centrais terem seu valor reduzido enquanto novas construções são feitas em bairros mais afastados do centro, o que faz com que haja menos investimento por parte das prefeituras de modo intencional e, depois de certo tempo, seja necessário revitalizar a área, entendida como terra em potencial para usos mais nobres.

Assim, conforma existem modificações na organização específica da produção e reprodução, do consumo e da circulação, também são modificadas as configurações do ambiente da cidade. Por isso, “A cidade dos pedestres, afirma-se, não é a cidade do automóvel, mas de forma ainda mais significativa, talvez, a cidade do pequeno artesanato não é a metrópole do capital multinacional”. Ou seja, as transformações na cidade vão para além do âmbito local e obedecem às flutuações e intenções do mercado, em uma luta desigual.

Outra noção cara a Smith é nova fronteira urbana, em que estão ligadas as dimensões econômicas e espaciais do desenvolvimento, que “serve para racionalizar e legitimar um processo de conquista” (2007, p.16), como uma imagem feita para convencer aos poucos que há diferenças entre quem veio para mudar o lugar e, portanto, vai se tornando dono do entorno, e quem mora ali há tempos, que pode ser forçado a abandonar a região.

A fronteira estabelecida deverá demarcar quem pode ou quem não pode estar ali e, em certo sentido, é uma expansão econômica do capital no que poderia ser percebido como uma “máquina do crescimento” (BROWN-SARACINO et al., 2010). Nesse sentido, a gentrificação é simultaneamente cosmopolita e paroquial, geral e local, pois há uma construção para atrair os pioneiros de fora para o âmbito local, em que se mesclam interesses locais e globais capitalistas de mão dupla, ao trazer dinheiro e pessoas que beneficiam a cidade e, por outro lado, que geram lucros para empresas de outras regiões do planeta:

A gentrificação, a renovação urbana e o mais amplo e complexo processo de reestruturação urbana são todos parte da diferenciação do espaço geográfico na escala urbana; e, embora estes processos tenham sua origem em um período anterior à atual crise econômica mundial, sua função hoje é reservar uma pequena parte do substrato geográfico para um futuro período de expansão (Smith, 1984). E assim como no caso da fronteira original, a mitologia afirma ser a gentrificação um processo liderado por pioneiros e proprietários individuais cujo suor, ousadia e visão estão preparando o caminho para aqueles, entre nós, que são mais temerosos. (SMITH, 2007, p.18)

Em relação à mídia, Smith percebe que ela contribui para a formação da narrativa sobre os desbravadores pioneiros urbanos e tem uma importância simbólica que não pode ser desprezada nos processos de transformação da cidade:

Na mídia, a gentrificação tem sido apresentada como o maior símbolo do amplo processo de renovação urbana que vem ocorrendo. Sua importância simbólica ultrapassa em muito sua importância real; é uma pequena parte, embora muito visível, de um processo muito mais amplo. O verdadeiro processo de gentrificação presta-se a tal abuso cultural da mesma forma que ocorreu com a fronteira original. Quaisquer que sejam as reais forças econômicas, sociais e políticas que pavimentam o caminho para a gentrificação, e quaisquer que sejam os bancos e imobiliárias, governos e empreiteiros que estão por trás do processo, o fato é que a gentrificação aparece, à primeira vista, e especialmente nos EUA, como um maravilhoso testemunho dos valores do individualismo, da família, da oportunidade econômica e da dignidade do trabalho (o ganho pelo suor). (SMITH, 2007, p.18)

Desta maneira, Smith entende que a gentrificação é uma fronteira na qual fortunas são criadas e poucos se beneficiam com ela. Embora as lutas sociais existam, elas são insuficientes para freiar o avanço das transformações. Quem não está do lado dos pioneiros e do avanço econômico, ou seja, os pobres correm o risco de serem despejados e, nesse sentido, é necessário “lutar pelo estabelecimento de uma fronteira política por trás da qual moradores da classe trabalhadora possam retomar o controle de seus lares” (2007, p.29)

Outro exemplo de pesquisa que recolheu reportagens publicadas em jornais para entender a questão da gentrificação é a de Brown-Saracino e Rumpf (2010, 2011) que, a partir de uma pesquisa exploratória, aponta o caráter prolífico da pesquisa de notícias sobre gentrificação nos jornais:

A mídia também está repleta de discussões e debates sobre gentrificação. Por exemplo, cumulativamente, entre 1986 e 2006, nove jornais em sete cidades dos EUA com uma população de um milhão ou mais publicou 4.445 artigos sobre gentrificação (Brown-Saracino & Rumpf 2008). Artigos que incluem o termo gentrificação constituídos entre 0,009% e 0,07% de o material dos documentos, e em cinco artigos tais artigos constituíram 0,03% ou mais do material (ibid .: 8). Além disso, a cobertura jornalística da gentrificação não é apenas prolífica, mas também diversa. As representações de gentrificação mudam com o tempo e variam de acordo com a cidade e o papel (ibid.). (BROWN-SARACINO; RUMPF, 2010, p.357)

Brown-Saracino e Rumpf (2011) discutem os resultados da pesquisa acima a partir da premissa de que “os jornais apresentam uma gama de perspectivas sobre a gentrificação, desde sugerindo-a como uma solução para os problemas urbanos até enfatizando seus riscos para residentes de longa data” (2010, p.289). Ou seja, há uma diversidade de percepções a respeito da gentrificação e até mesmo posições favoráveis podem ser contraditórias entre si em alguns pontos.

A partir do levantamento de dados feito em relação à presente pesquisa, assim como na pesquisa de Brown-Saracino e Rumpf, há uma quantidade significativa de notícias sobre as mudanças, projetos e atualizações para o 4º Distrito. Nesse sentido, há uma diversidade de atores e pontos de vista em relação aos acontecimentos, em que se delinea a possibilidade de traçar uma narrativa a partir das notícias, para tornar evidentes as disputas e as discordâncias que estão presentes, às vezes, em uma mesma notícia.

As notícias e reportagens nos jornais permitem que possamos recompor as transformações no entendimento da gentrificação em Porto Alegre no arco temporal estudado e perceber tanto o que reivindicam as pessoas quanto o que os jornalistas e a mídia pensam e imaginam sobre a questão. De acordo com a quantidade de notícias e a perspectiva com que elas são abordadas, nota-se uma mudança lenta e gradual na ideia que se tem sobre um tema.

A pesquisa feita por Mele (2000) sobre o Lower East Side, a degradação dos bairros adjacentes e a posterior valorização do espaço e a produção da cidade através da mídia também são necessárias pois há várias semelhanças entre o que está acontecendo com o 4º Distrito e o que aconteceu com essa região entre 1970 e 1980, que serão apresentadas na sequência.

Em 1970, o Lower East Side era uma região habitada por minorias, como negros, judeus e latinos (especialmente de Porto Rico) e que foi marginalizada por décadas, embora estivesse em uma posição bastante próxima ao centro de Nova York. Com baixa densidade populacional, poucos investimentos na infraestrutura, casos de violência recorrentes e tráfico de drogas, a mídia divulgava notícias que reportavam esse viés dos acontecimentos na região, que também interessavam para o setor imobiliário, para que a região fosse identificada como perigosa e pobre.

Esse cenário começou a mudar a partir da década de 1980, quando o East Village passou um público mais alternativo/underground, como artistas, músicos,

estilistas, entre outros, o que passou a tornar a região mais atrativa para a classe média e mais atrativa aos olhos dos potenciais investidores:

The characterization of the East Village as desirable occurred initially within art, fashion, music, and design circles, and later, through circulation in the media, among particular segments of the middle class. Symbolic representations of downtown slowly transformed from marginal and inferior to central and intriguing. (MELE, 2000, p.220)

Nesse sentido, houve uma mudança nas percepções sobre o East Village, que saiu do completo abandono para o início do redesenvolvimento, processo que teve algumas limitações pois, naquele momento, a reputação do bairro ainda era negativa. A cobertura da mídia em relação às transformações no cenário cultural do bairro e às melhorias que vinham acontecendo, como a ida de médias e grandes empresas para lá, o que estimulou o financiamento por parte do setor imobiliário para o desenvolvimento do bairro residencial, através do investimento em imóveis locais.

Outro ponto importante para a motivação na transformação do East Village se relacionou com a mudança no tipo de produção industrial, que passou por uma transformação de indústria de manufatura para setor de serviços, que mudou tanto a região quanto os tipos de emprego disponíveis. A partir disso, as ocupações passaram a se tornar cada vez mais especializadas, o que também trouxe uma precarização nos empregos pois, para quem não tem qualificação, as oportunidades foram majoritariamente para economia informal e com baixos salários, o que aumentou a diferença entre as classes sociais dentro da cidade. Essa mudança também ocorre na geografia da cidade, pois quando o desenvolvimento dos bairros com maior concentração econômica chega ao limite, especialmente em relação à habitação, faz com que os bairros adjacentes sejam prestadores de serviços, o que promove o desenvolvimento imobiliário para atender a falta de espaço para a classe média ocupar.

Mais do que isso, conforme afirma Mele, a revitalização e a especulação imobiliária ocorrem para manter o estilo de vida de alto padrão da classe média, em uma antecipação para as vindouras necessidades de apartamentos e lofts de luxo: “Speculative investment was fueled not by known need or demand for affordable,

low-income housing units but by anticipated consumption of apartments and condominiums by “upscale urbanites.”” (MELE, 2000, p.223).

Em contraponto, os moradores mais pobres, que moram nesses bairros adjacentes por terem um aluguel mais barato, tiveram que deixar suas moradias, já que o aluguel sofreu um aumento considerável, mas estavam no meio de uma especulação imobiliária que era um negócio potencialmente lucrativo para as incorporadoras. Além disso, a questão das drogas, que era muito presente no bairro, também foi elaborada pela mídia, que noticiou as operações policiais de apreensão de drogas como se fossem sinal de um renascimento do bairro.

Em toda a cidade, a contração da oferta de moradias de classe média abalou um mercado de moradias de baixa renda estagnado que foi modificando o cenário urbano. Ao mesmo tempo, a partir de um movimento de artistas, músicos e moradores, houve uma transformação em relação a exposições de arte e movimentos artísticos que promoviam exposições e eventos nesse local da cidade que, além de ter uma estética marginal que era interessante para atrair pessoas em busca de novas experiências, oferecia também a possibilidade de pagar valores menores pelos aluguéis.

Nesse sentido, “Thus, the symbols and images of abandoned buildings, empty lots, graffiti, and a thriving drug economy served as the foundation of an urban aesthetic inclusive of music, art, fashion, and literature”. (MELE, 2000, p.221), o que agiu em consonância com os planos do mercado imobiliário e dos governos locais para a transformação e a gentrificação do espaço, pois forneceu as imagens, símbolos e retórica para reinventar o bairro para os consumidores de classe média que foram utilizadas pela mídia para a elaboração das narrativas a respeito da questão.

Outro autor que faz parte da revisão é Richard Lloyd (2010), que escreveu sobre boemia e gentrificação. Estudioso da neoboêmia em Wicker Park, que fica em Chicago, nos Estados Unidos, Lloyd afirma que a boemia é mais do que um clichê inventado pela mídia, pois suas práticas contribuem para outras estratégias de valorização do capital na cidade pós-industrial. Assim, os artistas são utilizados e explorados pelos projetos dos governos e da especulação imobiliária e não devem se deixar enganar pois há o interesse para que sirvam às necessidades da cidade e à gentrificação.

Para fomentar o interesse pela região e a economia que acontece a partir dela, é necessário promover uma paisagem cultural diversificada que serve para promover emprego e arte, ao mesmo tempo que serve para as finalidades de atrair investimentos e novas construções para revitalizar a região, o que contribui com o processo de gentrificação.

Nesse sentido, é necessário ter ofertas culturais para que a cidade seja interessante para turistas e cidadãos, e devem ter diferentes opções, como comidas, bebidas e músicas de diferentes tipos e proporcionar uma variedade de lugares de encontro, o que também torna necessário o que Lloyd denomina de exército de reserva de trabalhadores da cultura, que devem residir na área do bairro e, em geral, devem estar aptos para trabalhar de maneira flexível. Isso facilita a precarização e o surgimento de novas formas de reprodução e exploração da força de trabalho.

Assim, Lloyd afirma que “the gritty glamour of the new bohemian neighborhood needs to be understood alongside heightened inequality, postindustrial devastation, and globalized production networks” (2010, p.260). O bairro criativo e boêmio é mostrado e percebido como um espaço privilegiado, mas o autor afirma que há limites e o preço é cobrado de vários atores locais, como populações minoritárias deslocadas até legiões de artistas frustrados e outros trabalhadores criativos subempregados. Outro ponto é que as cidades contemporâneas são cada vez mais duais, em que há uma parte onde há extrema riqueza e outra em que há devastação e rastros do que foi no passado.

De acordo com Lloyd, “even these spaces of devastation may in select cases still have a role to play in the future, reconfigured as a generative milieu for post - industrial innovation” (2010, p.44-45). Ou seja, a partir disso pode-se inferir que mesmo uma área historicamente degradada da cidade pode vir a ser em algum momento escolhida para sofrer intervenções e se transformar em um ponto boêmio.

Por último, Harvey (2005) escreveu um artigo sobre a mudança do administrativismo para o empreendedorismo no modelo de desenvolvimento das cidades. Ainda que haja o discurso da crise econômica, a ação da produção e reprodução de capital está em movimento e, para colaborar com os propósitos de gentrificação, há a construção de uma narrativa para que a cidade pareça um lugar inovador e criativo:

(...) Paradoxalmente, os investimentos para atrair os dólares dos consumidores cresceram rapidamente como reação à recessão generalizada. Esses investimentos enfocam, cada vez mais, a qualidade de vida. A valorização de regiões urbanas degradadas, a inovação cultural e a melhoria física do ambiente urbano (incluindo a mudança para estilos pós-modernistas de arquitetura e design urbano), atrações para consumo (estádios esportivos, centros de convenção, shopping centers, marinas, praças de alimentação exóticas) e entretenimento (a organização de espetáculos urbanos em base temporária ou permanente) se tornaram facetas proeminentes das estratégias para regeneração urbana. Acima de tudo, a cidade tem de parecer um lugar inovador, estimulante, criativo e seguro para se viver ou visitar, para divertir-se e consumir. (HARVEY, 2005, p.176)

A partir do exposto, várias das questões levantadas vão ser tematizadas através do material coletado. Assim, vamos apresentar a coleta de dados e suas peculiaridades e, em seguida, estabelecer as inferências possíveis entre teoria e notícias recolhidas dos acervos.

A revisão teve como propósito recuperar conhecimentos de diferentes áreas para articular a questão da pesquisa em acervo, que demanda a habilidade de recuperar e costurar informações sem tomá-las como uma verdade dada de antemão, pois se faz necessária ressignificação a partir da leitura e interpretação do arquivo. Como a questão de pesquisa se relaciona com os processos de gentrificação, pode-se perceber também a necessidade de intersecção entre áreas para uma visualização e para o cotejamento adequado do objeto de estudo. Nesse sentido, foi preciso recuperar aspectos da Antropologia Urbana, da Sociologia Urbana e da História que, cada uma com seu *métier*, são fundamentais para elaborar a complexidade dos fenômenos sociais urbanos.

Assim, ao lidar com a elaboração de uma etnografia do passado recente, é necessário entender os processos que ocorreram na produção do material, com as tensões entre atores sociais e como isso se materializou nas reportagens e notícias.

Capítulo 2 - “A formação de um público sem rótulos”: inovação, empreendedorismo e segregação social

A coleta de dados foi feita entre janeiro e fevereiro de 2023. Foram coletadas 528 matérias, entre reportagens, notícias, opinião de leitor, propagandas, entrevistas e divulgações. Para a análise, foram retirados arquivos duplicados ou que foram verificados e não se relacionavam com o tema da pesquisa. Ao todo, o *corpus* foi fixado em 500 mídias⁶.

2.1 – Entre páginas (e mais páginas) de jornais: coleta de dados

A seguir, haverá uma breve descrição de como foi o processo de pesquisa cada um dos jornais e nas demais mídias. Foi difícil conseguir contato com o Jornal do Comércio, pois não há um centro de reportagens para acesso ao público. No site deles, de acordo com as pessoas que me atenderam na sede, as notícias ficam no ar por dois anos (aproximadamente) e depois são derrubadas. Assim, é importante apontar que não foi possível utilizar um buscador no Google porque não aparecem registros para além de 2015 e, quando apareceram, na maioria das vezes são links quebrados. O material que foi coletado desse jornal de 2013 a 2019 é bastante fragmentário e resulta dos links ainda disponíveis e de duas reportagens disponíveis no blog Distrito Criativo - UrbsNova⁷. De 2020 em diante, foram recolhidos materiais com o uso do buscador do site, de acordo com a possibilidade de acesso.

No acervo do Correio do Povo, o site de busca é limitado na possibilidade de usar operadores booleanos. Nesse sentido, a pesquisa teve que ser feita apenas com os termos-chave dispostos da seguinte maneira: “*quarto+distrito+vila+flores+floresta*”. Nesse sentido, o termo limitou os resultados, mas o sistema retornou material e foi possível selecionar matérias sobre o 4º Distrito.

⁶ Antes de continuar, cabe uma nota sobre os gêneros que compõem o *corpus* de pesquisa. Na coleta de dados, encontramos reportagens, notícias, entrevistas, artigo de opinião, cartas do leitor e várias imagens. Para os fins de análise, não fizemos distinção entre os gêneros, e escolhemos por trazer os dados considerados importantes a serem retomados, independente do gênero textual. Caberia, se possível em momento posterior, fazer uma tabela com recorrências de gêneros, ano de publicação e extensão de palavras e uma análise desses dados.

⁷ Disponível em: <https://distritocriativo.wordpress.com/midia/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

Na base de dados do Grupo RBS, responsável pela Zero Hora e Diário Gaúcho, a busca aconteceu tanto no CDI – Centro de Documentação e Informação quanto no site ZH Digital. A busca no CDI também foi limitada pelo buscador, pois não era possível procurar com mais de um termo, pois o *software* trancava caso fossem usados mais termos e não trazia resultados. A primeira pesquisa, realizada presencialmente, foi feita com os termos Quarto Distrito/Vila Flores/ Floresta/Vila Santa Terezinha e levou cerca de duas horas de consulta. A segunda, no ZH Digital, foi feita do mesmo modo, mas retornou vários resultados que não constaram na presencial.

A pesquisa no jornal O Sul foi realizada no site, pois, mesmo sendo impresso, o jornal possui todas as edições disponíveis on-line, o que facilitou bastante. Situação parecida foi com o site do jornal Sul 21, que é um jornal on-line, em que foi possível recolher as notícias. Outras mídias foram recolhidas também, especialmente matérias avulsas do G1, dos blogs Wikihaus, Distrito Criativo – Distrito C e Voz da Vizinhança, da revista Superinteressante, do site do Matinal Jornalismo e do jornal universitário Sextante. De modo preliminar, pode-se agrupar as mídias encontradas da seguinte maneira:

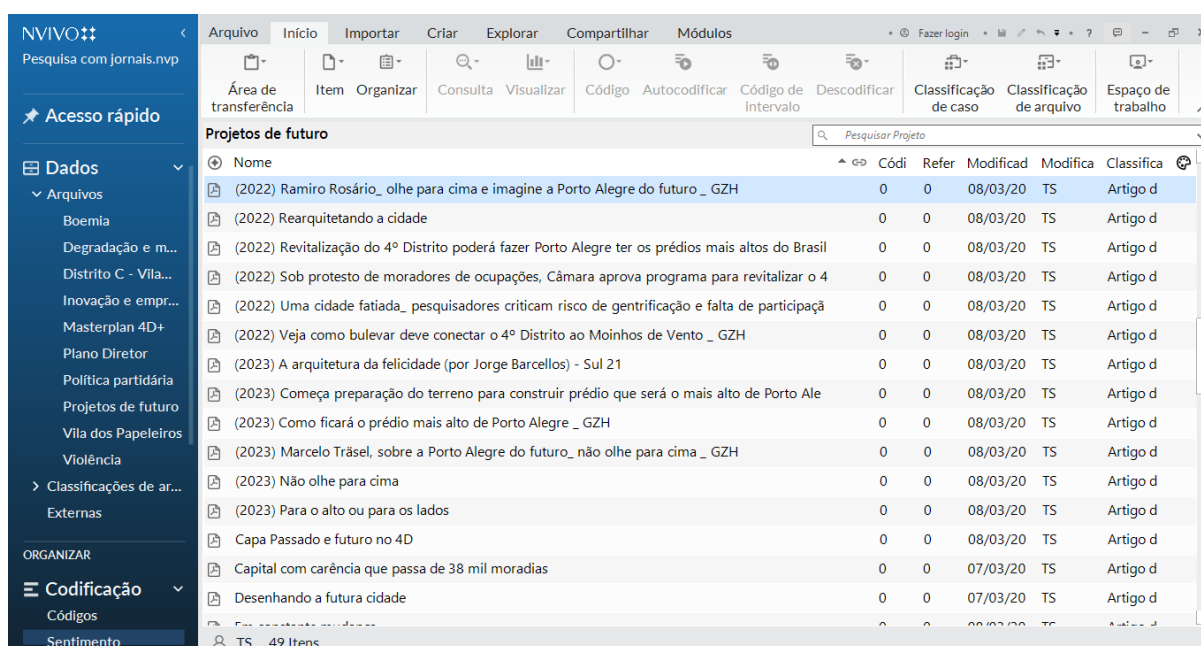
Nome do jornal	Quantidade de mídias ⁸
Zero Hora/ Diário Gaúcho	198
Correio do Povo	218
O Sul	45
Sul 21	34
Jornal do Comércio	23
Outras mídias	10
Total	528

Para o início da análise, o material foi organizado inicialmente em pastas no Google Drive por ano (no caso dos jornais Correio do Povo e Zero Hora/Diário Gaúcho, que tinham um grande volume de material) ou por nome do jornal (quando a quantidade era menos significativa e não justificava a separação). O segundo passo foi a importação dos arquivos para o NVivo, em que os materiais foram

⁸ Cabe lembrar que entendemos por mídia um arquivo em .pdf que pode ter extensão maior ou menor. Para a contabilização, utilizamos o número de arquivos que foram importados para o NVivo, seja em formato pdf, jpg ou doc. Alguns deles têm de 3 a 4 páginas, sendo a média 1 a 2 páginas.

divididos em categorias, a partir de uma leitura superficial e preliminar. A partir da recorrência de temas, as categorias definidas foram:

1. Degradação e melhoria das condições dos bairros do 4º Distrito;
2. Violência;
3. Inovação e Empreendedorismo;
4. Plano Diretor de Porto Alegre/ Plano Diretor do 4º Distrito;
5. Distrito C, Vila Flores e Floresta;
6. Vila dos Papeleiros/ Loteamento Santa Terezinha/ Vila Santa Terezinha;
7. Masterplan e 4D+;
8. Política e questões partidárias;
9. Boemia e itinerários de prazer;
10. Projetos de futuro.



Captura de tela (2023). Acervo pessoal.

As categorias serviram para a classificação preliminar dos materiais antes do aprofundamento na leitura. Elas auxiliaram na organização e classificação dos materiais, em que foi possível remover algumas das mídias por critério de temática e relevância.

2.2 – As duas faces da mesma moeda: revitalização e gentrificação no 4º Distrito

É importante mencionar que há uma mudança na quantidade de mídias a partir de 2020; 2021 e 2022 são os anos em que havia mais material produzido tanto na ZH quanto no CP⁹. Outro ponto digno de nota é que os tipos de publicação mudaram com o tempo. De 2013 a 2015, grande parte das publicações girava em torno da questão do Distrito Criativo e do Vila Flores ou então da degradação da região. Antes do início da análise, também, deve-se informar que as categorias se inter cruzam nos resultados, o que faz com que a análise acabe por tratar de mais de um tema e seja complexa a separação deles. Assim, optamos por escrever um texto que recupera partes da narrativa e apontar categorias quando for necessário.

A partir de 2016, a questão da inovação e do empreendedorismo ascenderam e dividiram os interesses de publicação. Por último, embora seja uma nota para o próximo capítulo, os jornais têm diferentes diagramações, o que interfere na seleção dos dados, especialmente no caso de imagens. Apenas nesse quesito, o material da ZH é mais rico do que o do CP (que traz mais imagens apenas na edição de domingo).

As mídias ajudam a transformar as narrativas sobre a região e oferecem símbolos para que as pessoas lentamente incorporem valores e atribuam juízos sobre um espaço. Assim, a questão dos problemas de infraestrutura e da degradação do espaço, que podem ser tanto a respeito da sujeira e do lixo, que é recorrente em bairros do 4º Distrito, quanto em relação aos prédios abandonados que servem de abrigo para moradores de rua ou ainda sobre o uso e tráfico de drogas, violência ou prostituição, todas essas categorias podem ser agrupadas para a análise.

Em relação às mencionadas categorias, o tema aglutinador para a maior parte das reportagens recolhidas sobre o tema é a Avenida Farrapos e seus

⁹ O aumento pode ter ocorrido porque havia uma tentativa de aprovar um projeto de lei que permite que o 4º Distrito tenha um Plano Diretor específico, que permite a construção de prédios mais altos. Também pode-se pensar que, ao sair da pandemia de Covid-19, o momento era propício para atrair mais pessoas para a nova boemia na região, o que ocasionou maior número de divulgações de festas e eventos.

entornos. Em uma reportagem da ZH de 12 de abril de 2017, “Uma rua esquecida”¹⁰, uma moradora relata sua impressão sobre morar nas redondezas:

– A rua é suja e perigosa. Quando saio no fim da tarde, levo um canivete na bolsa. Nunca vejo pedestres, e, se vejo, me preocupo achando que vão me assaltar – diz a aposentada Solange Vivian, 60 anos. Ela mora há 45 anos na Avenida São Paulo, perto da Voluntários. Lembra com saudade da época em que havia bares e até cinemas na região: – Agora, está tudo abandonado”.

A partir dessa percepção, podemos conectar o presente degradado da região em que há diferentes riscos de andar sozinha na região em contraste com seus tempos de glória, o passado em que Getúlio Vargas veio inaugurar uma das ruas mais modernas de Porto Alegre, que lentamente foi se modificando até chegar ao que se mostra em 2023. Há muitas reclamações em relação ao lixo e ao descaso com que a região é tratada. Outro medo de outra moradora é que haja uma obra que não tenha prazo para acabar:

Maria dos Santos Pergher, 60 anos, conta que tem apenas outros dois moradores na sua quadra. Proprietária de uma ferragem na Voluntários da Pátria, diz que não tem medo – nem mesmo aos finais de semana, quando fica “deserta”. O temor dela é relacionado à duplicação. – Tudo o que eles vão fazer demora muito e, geralmente, o comércio da região acaba fechando por causa do bloqueio do movimento¹¹.

A menção ao vandalismo e arrombamento de casas também é constante pois, de acordo com as autoridades responsáveis, quando há melhoria na iluminação, há vandalismo e furto das estruturas instaladas, o que torna ineficiente a ação pública. Outro problema é com a questão da prostituição, especialmente em relação às travestis, por vezes, andarem completamente sem roupa.

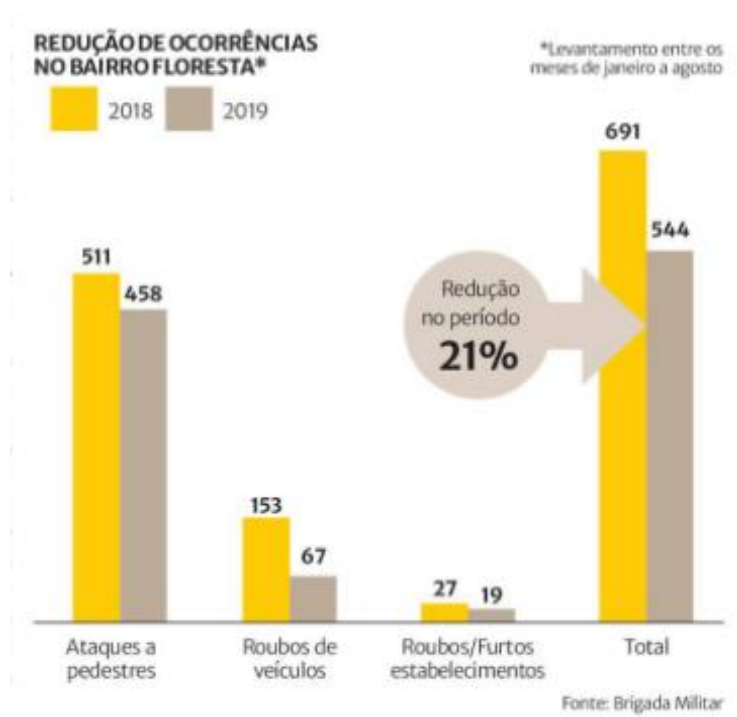
Em reportagem da ZH de 27 de setembro de 2019, Farrapos entre a degradação e o futuro¹², afirma-se que haverá um investimento superior a 200

¹⁰ Zero Hora, “Uma rua esquecida”, 12 de abril de 2017, p.20. Reportagem de Jéssica Rebeca Weber. Não disponível on-line.

¹¹ Zero Hora, 12 de abril de 2017, p.21. Continuação da matéria “Uma rua esquecida”. Reportagem de Jéssica Rebeca Weber. Não disponível on-line.

¹² Zero Hora, 27 de setembro de 2019, p. 25. “Farrapos entre a degradação e o futuro”. Reportagem de Tiago Boff. Não disponível on-line.

milhões de reais naquele ano e é apresentado um gráfico que compara a redução da violência e dos furtos em relação ao ano anterior:



O secretário municipal de Desenvolvimento Econômico naquele período, Eduardo Cidade, afirma que houve um aumento do número de alvarás expedidos para aquela região e que, apesar da crise econômica, há otimismo para o crescimento, e acredita que acontecerá entre dez a quinze anos, ou até antes.

Pode-se perceber o interesse em tornar a região mais segura a partir não apenas das operações que ocorreram, mas também do massivo investimento em vários dos problemas infraestruturais, como os alagamentos constantes, as calçadas degradadas e a falta de iluminação pública.

Ao mesmo tempo, em reportagem do CP de 12 de abril de 2022¹³, Custo de “R\$ 38 mil com vandalismo”, há a descrição sobre a frequência de do furto de fios e os problemas que isso acarreta para a população, o que inclui o tempo de trabalho para recuperar a área recém-recuperada e vandalizada, processo que se repete sucessivas vezes. O secretário municipal de Serviços Urbanos de Porto Alegre, Marcos Felipi diz que “Quem mais perde com isso é a população porque os espaços públicos mal iluminados ou vandalizados se transformam em locais de risco”.

¹³ Correio do Povo, 12 de abril de 2022, p.12. “Custo de R\$ 38 mil com vandalismo”. Editores: Luciamem Winck, Paulo Mendes e Carmelito Bifano. Sem indicação de autoria. Não disponível on-line.

Embora o bairro Floresta tenha uma efervescência de iniciativas como o Vila Flores e o Distrito Criativo, em reportagem do CP de 4 de agosto de 2022¹⁴, intitulada “Tráfico de drogas, prostituição e sujeira alarmam moradores do bairro Floresta”, podemos observar que ainda há problemas substanciais nesse sentido. De acordo com um Henrique Ferreira, membro da Associação de Moradores do Bairro Floresta e morador da rua Paraíba há 13 anos, vive-se a sensação de que quem transita pelas ruas do bairro está à mercê da própria sorte. “Estamos buscando quem possa nos ouvir. Aqui não é o paraíso. É a boca do inferno, irmão. Virou terra de ninguém”.

De acordo com outras reportagens, um dos motivos é o baixo movimento de pessoas pois, diferente de outros bairros boêmios da cidade, quase não há pessoas ali em dias de semana. Em seguida, Henrique Ferreira comenta que perto dali está uma das ruas que foram consideradas como mais bonitas de Porto Alegre e a transformação que os empreendimentos tem trazido à região, em contraste com a falta de segurança que, para ele, atingiu níveis caóticos em 2021, “não por um fato específico, mas pelo conjunto de acontecimentos e sensação de crescente descaso do poder público”:

“Estes novos empreendimentos são bem-vindos, porque oxigenam a região e trazem novas pessoas e novas ideias. Mas se não houver uma força policial ostensiva e atuante, é tiro n’água. Se não houver uma gestão por parte do Executivo, os investimentos serão acanhados e também será tiro n’água. Isto se esvazia, as pessoas cansam”.

Esse dado é contrastante com outros, como o blog A voz da vizinhança¹⁵ e o jornal O Sul¹⁶, que informam que o registro de roubos caiu pela metade, passando de 2.142 em 2017 para 1.047 em 2021, e que este é o menor índice dos últimos

¹⁴ Correio do Povo, 04 de agosto de 2022, p.12-13. “Tráfico de drogas, prostituição e sujeira alarmam moradores do bairro Floresta”. Reportagem de Felipe Faleiro. Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/terra-de-ningu%C3%A9m-moradores-do-bairro-floresta-apontam-inseguran%C3%A7a-e-abandono-da-regi%C3%A3o-1.866620>. Acesso em: 06 abr. 2023.

¹⁵ Voz da Vizinhança, 08 de dezembro de 2021. “4º Distrito registra queda histórica da criminalidade”. Postagem de Carla Santos. Disponível em: <https://vozdavizinhanca.com.br/2021/12/08/4o-distrito-registra-queda-historica-da-criminalidade/>. Acesso em 06 abr. 2023.

¹⁶ O Sul, 8 de dezembro de 2021. “Vice-governador gaúcho aponta queda histórica da criminalidade em evento no 4º Distrito”. Redação O Sul. Disponível em: <https://www.osul.com.br/vice-governador-gaucha-aponta-queda-historica-da-criminalidade-em-evento-no-4o-distrito/>. Acesso em: 06 abr. 2023.

cinco anos. Em 2021, houve um investimento a partir do que foi estabelecido no Pacto Alegre para que houvesse mais iluminação e câmeras para a região.

Passemos para a análise das categorias de análise inovação, empreendedorismo e boemia. Muitos novos empreendimentos foram inaugurados no 4º Distrito existe uma diversidade de iniciativas, que se relacionam a lazer, especialmente ao turismo cervejeiro e aos festivais que passaram a ocorrer nas ruas, como o Saint Patrick Day e a Virada Sustentável.

Na reportagem de O Sul de 7 de outubro de 2019, “Um projeto com a participação da prefeitura quer estimular o “turismo cervejeiro” em Porto Alegre”¹⁷, de acordo com o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico Eduardo Cidade, já havia mais de 8 mil atividades econômicas diferentes no 4º Distrito.

Em outra reportagem de O Sul, dando continuidade à anterior, de 12 de outubro de 2019, O projeto Porto Cervejeiro atraiu centenas de pessoas a cervejarias em Porto Alegre¹⁸, Eduardo Cidade afirma que:

o Porto Cervejeiro vem para beneficiar não só as cervejarias, mas também o ecossistema econômico e urbano de Porto Alegre. “Nossa expectativa é que esta experiência sirva de base para o desenvolvimento de uma programação cada vez mais ampla e diversificada, capaz de atrair tanto os apreciadores de cerveja quanto os turistas ocasionais. Essa movimentação serve de estímulo para a ocupação dos espaços urbanos e a qualificação dos serviços públicos que atendem essas regiões da cidade, especialmente o 4º Distrito, onde se localizam a maioria das cervejarias”, aponta.

Na mesma reportagem, Paulo Ardenghi afirma que este é um “passo muito importante para fortalecer as nossas cervejarias e microcervejarias, fazendo em Porto Alegre uma espécie de ‘vale dos vinhedos’ da cerveja”. Isso mostra a intenção que existe de promover turismo boêmio tanto nacionalmente quanto internacionalmente, como ocorre na serra gaúcha.

Em reportagem de ZH de 12 de setembro de 2019¹⁹, Seis segredos do sucesso (e um problema) do 4º Distrito, nova zona boêmia de Porto Alegre, os

¹⁷ O Sul, 7 de outubro de 2019. “Um projeto com a participação da prefeitura quer estimular o “turismo cervejeiro” em Porto Alegre”. Redação O Sul. Disponível em: <https://www.osul.com.br/um-projeto-com-a-participacao-da-prefeitura-quer-estimular-o-turismo-cervejeiro-em-porto-alegre/> Acesso em: 06 abr. 2023.

¹⁸ O Sul, 12 de outubro de 2019. “O projeto Porto Cervejeiro atraiu centenas de pessoas à cervejarias em Porto Alegre”. Redação O Sul. Disponível em: <https://www.osul.com.br/porto-cervejeiro-atrai-centenas-de-pessoas-as-cervejarias/>. Acesso em: 06 abr. 2023.

empreendedores afirmam que há fatores que estão favorecendo a redescoberta da região, como a revolução dos apps, que permitem que pessoas que não conhecem a região possam ir e vir com mais, a diversidade e preço dos imóveis baratos e diferentes, a “segurança além das aparências”, a “política da boa vizinhança”, em que os bares tem horário para fechar (De acordo com Caio de Santi, da 4Beer, “Fazemos questão de abrir somente até as 23h30min. Até para que o cara não fique tão alcoolizado. Se a bebida continua e entra a madrugada, o sujeito quer beber a noite inteira”), a formação de um público sem rótulos, as apostas de grifes e expansão (Para Flavia Mu, da Capincho, “De certa forma, trocamos uma região em que havia a expectativa de revitalização, próxima ao viaduto da Borges de Medeiros, por outra em que isso já é realidade”). O ponto negativo, para eles, é a necessidade de melhorar a "caminhabilidade" do bairro depois do pôr do sol, pois há tanto a questão da infraestrutura (das luzes, das condições das calçadas) quanto da segurança.

Por outro lado, na reportagem de ZH de 20 de setembro de 2019, A hora da mão na massa no 4D²⁰, nota-se que existe antipatia dos moradores pelo termo revitalização e pela nova imagem da região, que começou a encarecer e tornar o bairro mais movimentado por classes sociais diferentes das que moram nele. Na reportagem de 7 de junho de 2021 de ZH, 4º Distrito volta para o futuro²¹, a administradora Camila Boreli, CEO da Nau Live Spaces, afirma que, apesar das dificuldades estruturais da região, “o 4D está acontecendo, apesar de tudo”. Outra instituição favorável ao aumento de comércios na região é a Associação das Empresas dos Bairros Humaitá e Navegantes (AEHN), que é bastante atuante nas parcerias com a prefeitura para a melhoria da região.

Em reportagem do JC de 27 de outubro de 2014, Nasce um vilarejo criativo em Porto Alegre²², em relação ao Distrito Criativo, percebe-se que a “área refloresce

¹⁹ Zero Hora, 12 de setembro de 2019. “Seis segredos do sucesso (e um problema) do 4º Distrito, nova zona boêmia de Porto Alegre”. Reportagem de Caue Fonseca. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/09/seis-segredos-do-sucesso-e-um-problema-do-4o-distrito-nova-zona-boemia-de-porto-alegre-ck0h9jevi02q301tg2am98ypr.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

²⁰ Zero Hora, 20 de setembro de 2019, p.22. “A hora da mão na massa no 4º Distrito”. Reportagem de Caue Fonseca. Não disponível on-line.

²¹ Zero Hora, 07 de junho de 2021, p.14. “4º Distrito volta para o futuro”. Reportagem de Jéssica Rebeca Weber. Não disponível on-line.

²² Jornal do Comércio, 27 de outubro de 2014. “Nasce um vilarejo criativo em Porto Alegre”. Redação Jornal do Comércio. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/cadernos/empresas-e->

por meio de convivência, ações coletivas e ideias que unem revitalização urbana e reestruturação produtiva”. Para as pessoas que fazem parte do Distrito C, seria necessário fazer a recuperação e reforma de prédios históricos e casas e edifícios antigos para que eles possam abrigar instituições de ensino, galerias de arte e cafés e isso iria movimentar a região e trazer benefício para a questão da segurança e para a comunidade em geral. Um dos principais expoentes do Distrito C, Jorge Piqué, através da agência de inovação social UrbsNova, mapeou galerias de arte, ateliês, escritórios de design, arquitetura e publicidade, cafés, brechós e antiquários.

A partir das notícias e reportagens recolhidas, há bastante material sobre uma diversidade de empreendimentos, difícil nomear todos, mas alguns das mais recorrentes são Galpão Makers, Estúdio Áudio Porto, Agulha, 4Beer, Fábrica do Futuro. Há também o Instituto Caldeira, instituído pelo Pacto Alegre, que envolveu universidades para fomentar a inovação no Estado e que fez o Hands on 4D, que é uma delimitação de áreas para o desenvolvimento rápido do 4º Distrito, que servirá como um laboratório para a cidade.

No caderno-reportagem da ZH de 16 de novembro de 2014, “Em busca de um norte”²³, há a narrativa de um dos empreendedores que foi para o 4º Distrito:

Um dos empreendedores que mais arriscaram no Quarto Distrito foi Carlos Silveira (na foto, ao lado), proprietário do Porto Alegre Hostel Boutique. Chegou ainda em 2010, encontrou um imóvel com bom preço e ouviu dos amigos que só era barato porque a zona sempre foi perigosa e estava degradada. Mesmo assim, decidiu ir em frente e hoje colhe os frutos da aposta. O hostel está sempre movimentado, e ele ainda ganhou o papel de conciliador e incentivador das atividades no bairro, na figura de líder do Refloresta.

O modo como está escrito lembra vagamente o que Smith falou dos desbravadores do espaço, que chegam para transformar, ao mesmo tempo em que a iniciativa é do âmbito cultural. Pode-se relacionar isso com o que Mele disse a respeito das reportagens fornecerem imagens, símbolos e retórica para a construção de uma narrativa em que é *cool* empreender e estar no 4º Distrito,

negocios/2014/10/1062142-quarentona-flor-de-primavera-deve-abrir-filial-em-2016.html. Acesso em: 06 abr. 2023.

²³ Zero Hora, 16 de novembro de 2014, p.25. “Em busca de um norte”. Reportagem de Bruno Felin (texto) e Lauro Alves (imagens). Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/11/Quarto-Distrito-espera-ha-pelo-menos-30-anos-por-uma-revitalizacao-4643635.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

embora isso signifique que, para dar espaço aos novos moradores e empreendedores, as pessoas que moram nas redondezas precisarão ir para outros lugares.

Na reportagem especial do ZH de 11 de novembro de 2017, “O 4º Distrito vive”²⁴, Tarson Núñez, que foi analista e pesquisador em Ciência Política da extinta Fundação de Economia e Estatística (FEE), afirmou que a renovação da área deveria ocorrer a partir das pequenas empresas para evitar a especulação imobiliária (embora o foco do poder público não seja esse):

– Falta visão de gestão. Sempre se pensa na atração de grandes grupos em vez de ações coletivas com os pequenos empreendedores, que formam o tecido social local. É necessário ter mecanismos de estímulo para evitar a especulação imobiliária, facilitando o aluguel dos imóveis ociosos.

Embora não tenha a mesma percepção de Núñez, Ricardo Strauch Aveline, coordenador da extensão do Centro Universitário Metodista IPA e parceiro da prefeitura, entende que investimentos imobiliários são bem-vindos e que o desenvolvimento é questão de tempo. No entanto, é crítico aos valores dos aluguéis, pois eles tendem a subir, o que pode comprometer a velocidade do crescimento: “– Inúmeros imóveis nas mãos de poucos é um fator prejudicial. Infelizmente, nossa cultura não é muito empreendedora. Se os valores forem estratosféricos, os investidores não irão para lá”.

Para o professor Benamy Turkienicz, principal responsável pela elaboração do Masterplan, “a revitalização deve envolver “intensa participação da iniciativa privada”, o que implica o uso dos PPPs (parcerias público-privadas). Hoje, desde 2022, o 4D+ é o projeto em voga, que eliminou o limite de altura dos prédios a serem construídos e tem uma série de propostas para a transformação da região, que pretendem mudá-la completamente.

²⁴ Zero Hora, 11 e 12 de novembro de 2017, p.32-33. “O 4º Distrito vive”. Reportagem especial de Bruno Moraes. Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/11/pequenas-iniciativas-impulsionam-revitalizacao-do-4o-distrito-em-porto-alegre-cj9uk62ff010b01tb5957kpgc.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

Em entrevista da ZH de 5 de julho de 2018²⁵, Dada a largada para união pela inovação entrevista com Josep Piqué, o consultor da prefeitura para as mudanças no 4D afirma que:

Porto Alegre precisa de uma visão de cidade e de comprometimento. Pactuar iniciativas para colher frutos a médio e longo prazo. Para isso, precisa articular um conjunto de agentes que se comprometa publicamente com essa visão. Sejam públicos ou privados. (...) Sempre haverá divisão se os projetos forem individuais. Plebiscitos são bons exemplos para reflexão. Porque plebiscitos são necessariamente de soma zero. Ou é sim, ou é não. Se um ganha, o outro perde. São mais interessantes projetos de cumplicidade e co-criação.

Embora os mandatos para a prefeitura sejam de quatro anos, nota-se uma continuidade dos projetos para o 4º Distrito, em que os prefeitos foram muito favoráveis aos investimentos externos e negócios que vem do exterior, sem possibilitar que a população participe das escolhas. Josep Piqué foi escolhido para transformar o 4º Distrito e é visível em sua fala que há uma prioridade em respeitar o que pensa a maioria (o exemplo do plebiscito). No entanto, pode-se argumentar, nem todos os cidadãos conseguem acessar esses meios, ou seja, é apenas um grupo específico da cidade que tem voz e é dentro desse grupo acontecem as decisões, que vão intervir a todos os moradores da cidade, especificamente os dos bairros a serem modificados.

A partir das ações da prefeitura, nota-se um grande apoio e até entusiasmo com as PPPs. Nesse sentido, aconteceram duas obras de revitalização/urbanização da Praça Júlio Andreatta e Praça São Geraldo. Em reportagem da ZH de 20 de abril de 2021, Praça do 4º Distrito ganha nova academia, cachorródromo e playground²⁶, Germano Bremm, que era secretário do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade na época, afirma que:

— A revitalização desta praça é fruto de um instrumento jurídico-administrativo que permite que uma empresa faça

²⁵ Zero Hora, 05 de julho de 2018, p.24. “Dada a largada para união pela inovação”. Entrevista de Caue Fonseca. Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/07/evento-lotado-da-inicio-a-alianca-para-inovacao-que-envolve-ufrgs-pucrs-e-unisinos-cjj7nxdw00m7j01qo2aexbnku.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

²⁶ Zero Hora, 20 de abril de 2021. “Praça do 4º Distrito ganha nova academia, cachorródromo e playground”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/04/praca-do-4o-distrito-ganha-nova-academia-cachorro-dromo-e-playground-cknq7gwrk004r016u8m877nw7.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

melhorias na -administrativo que permite que uma empresa faça melhorias na cidade que o poder público não teria condições de realizar.

Ao mesmo tempo, o CEO da Regional Sul da Cyrela, Rodrigo Putinato afirma que: “O Quarto Distrito de Porto Alegre está passando por uma grande revitalização e temos muito orgulho em fazer parte dessa história”.

A Vila dos Papeleiros, também chamada de Loteamento Santa Terezinha ou Vila Santa Terezinha, é um aglutinador de discórdia entre o governo e a opinião pública. Por um lado, a ameaça de reassentamento e, por outro, a necessidade de integração à comunidade e a regularização. Na reportagem de ZH “Planos para 2014”²⁷, de 09 de janeiro de 2014, o porta-voz da Associação Cristóvão Colombo (sem nome definido) aponta como um dos pontos mais negativos do ano anterior o que a Vila Santa Terezinha se tornou:

A ideia foi uma, mas a execução sempre foi outra. Estamos falando da Vila Santa Terezinha, onde há sujeira, crianças se prostituindo e muita droga. Na época de sua criação, o projeto era vendido como uma solução para a comunidade dos papeleiros e a comunidade em geral. Sempre fomos tidos como reacionários e contrários à instalação da referida vila. Nós nunca fomos contra a instalação das pessoas, e sim contra a forma como se fez isso.

Ao falar dessa região, é bastante recorrente a menção a tráfico de drogas, receptação de objetos furtados e a questão do lixo, que se acumula nos bueiros e na frente das casas, pois os moradores, em sua maioria, trabalham com a venda de recicláveis. De acordo com outras notícias, há diversas atividades que visam a reinserção no mercado de trabalho, como a inauguração da 8ª Unidade de Triagem de Resíduos da Capital, em 2014, e também com ações sociais do Instituto Moinhos Social, do grupo Marista, entre outros, para qualificar mão de obra para serviços.

Em outras reportagens, ao referir-se a essa parte da cidade, considerava-se ela como uma “enorme chaga”, em que os moradores e suas famílias foram expulsos da área por traficantes de drogas. Em paralelo, as pessoas da Vila dos Papeleiros sentiam a necessidade de ter uma UBS na região, que havia sido demandada com a prefeitura, mas que não havia sido feita. Em reportagem do CP

²⁷ Zero Hora, 09 de janeiro de 2014, p. 4-6 (ZH Moinhos). “Planos para 2014”. Entrevistas com Associações de Moradores dos bairros. Sem autoria indicada. Não disponível on-line.

de 19 de setembro de 2014, “Vila dos Papeleiros pede posto de saúde”²⁸, a moradora Lourdes Rodrigues Ribeiro, de 48 anos, afirma que “há muitas crianças, mães e idosos entre nós. Muitos não têm condições de ir até o posto de saúde mais próximo. Por isso queremos que seja construído um posto na vila”. Nesse período, eles fizeram protestos na Voluntários da Pátria para reivindicar seus direitos.

Em outra reportagem do CP, de 26 de julho de 2017²⁹, “Ação conjunta no Loteamento Santa Terezinha”, há uma operação para intervir no tráfico e uso de drogas na região:

A Operação Integração resultou na prisão de oito traficantes, sendo um foragido, e apreensão de três pistolas, dois revólveres, uma espingarda com luneta, munição, uma touca ninja, maconha, crack, balança de precisão, celulares, cigarros contrabandeados e um furgão, além de produtos roubados e furtados na área central da cidade e que seriam trocados por entorpecentes.

De acordo com o que disse o delegado Fernando Soares, que era titular da 17ª DP, o narcotráfico era revezado por distintos grupos criminosos de semana em semana. Para ele, esse tipo de ação da polícia evita o surgimento de novas “cracolândias” e “consumidores na região e dormindo nas ruas”. Outro destaque é que o local servia como ponto de recepção para objetos oriundos de roubos e furtos. Ao mesmo tempo, havia um mural na parede de uma das casas do bairro com a pintura de um traficante chamado Gordo, que estava lá em homenagem a ele:

A imagem mostrava o criminoso carregando um cigarro de maconha em uma mão e uma pistola na outra. “É um traficante que foi morto no início deste ano. Eles acabam endeusando. É um exemplo negativo, então hoje tomamos a decisão de pintar essa parede para não fortalecer a imagem. Mostramos para eles que não pode existir essa apologia, esse amor pelo tráfico, pois isso prejudica o futuro das nossas crianças. As pessoas de bem não podem aceitar isso”.

Estava pairando no ar por anos o que foi chamado de incerteza quanto ao futuro da região. Em reportagem do dia 11 de junho de 2022, “Às vésperas de

²⁸ Correio do Povo, 19 de setembro de 2014, p.22. “Vila dos Papeleiros pede posto de saúde”. Sem autoria indicada. Não disponível on-line.

²⁹ Correio do Povo, 26 de julho de 2017, p.20. “Ação conjunta no Loteamento Santa Terezinha”. Editora: Marina Gregolin. Não disponível on-line.

revitalização do 4º Distrito, Vila dos Papeleiros vive dias de incerteza”³⁰, uma das moradoras relata sua percepção:

Iracema Dutra, pensionista e moradora da região desde antes do incêndio, lamenta: — A gente lutou, tanta gente lutou tanto por isso aqui. A gente vivia no meio do barro, no meio do lodo. A gente passou horrores aqui dentro. Para quem reclama da sujeira do local, ela cita os mutirões de limpeza que a comunidade tem feito periodicamente. — Agora tá tudo direitinho, agora a gente vai manter a limpeza — garante.

Pode-se perceber que, ao mesmo tempo que lamenta, embora a região esteja em estado precário para a manutenção das condições de vida, Iracema parece justificar a permanência da vila para o leitor do jornal a partir de um comprometimento geral em manter-se na linha com a questão do lixo, para convencê-lo de que houve melhoria e que eles se comprometem a manter limpas as redondezas.

Outro relato é de Antônio Carboneiro, também chamado de Antônio Conselheiro, líder comunitário da vila e papeleiro, que diz: “O papeleiro é um cara que não tem estudo, é idoso, é negro, desdentado. Mulheres carrinheiras também, são analfabetas e chefes de família que sustentam seus filhos, e com os carrinhos, graças a Deus, conseguem sobreviver”. Em reportagem para o DG, do dia 30 e 31 de julho de 2022, em relação à proibição do serviço:

“Se proibirem, muitas pessoas vão ficar desempregadas. Um carrinho sustenta de duas a três famílias – atesta, salientando que os carrinhos são a ferramenta de trabalho dos catadores. (...) – A prefeitura prometeu um monte de coisa e não cumpriu”.

Em reportagem do ZH de 09 de julho de 2022, “Como moradores da Vila dos Papeleiros veem a revitalização do 4º Distrito, em Porto Alegre”³¹, há alguns relatos, como o da recicladora Vera Farias, 56 anos, que diz um dos motivos que a

³⁰ Zero Hora, 11 de junho de 2022. “Às vésperas de revitalização do 4º Distrito, Vila dos Papeleiros vive dias de incerteza”. Reportagem de Isadora Aires. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/06/as-vesperas-de-revitalizacao-do-4o-distrito-vila-dos-papeleiros-vive-dias-de-incerteza-cl4930s4i005b0167l24z66vg.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

³¹ Zero Hora, 09 de julho de 2022. “Como moradores da Vila dos Papeleiros veem a revitalização do 4º Distrito, em Porto Alegre”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/07/como-moradores-da-vila-dos-papeleiros-veem-a-revitalizacao-do-4o-distrito-em-porto-alegre-cl5d4vbpv00030168k0r3y4p7.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

favorecem ao morar na vila é que: “Consigo ir caminhando em todos os hospitais, só o Conceição que é um pouquinho mais longe. É bom, tudo perto, a gente não depende tanto de transporte público para se locomover”. Em relação a sair do bairro:

Vera se perde na conta do tempo vivendo no bairro, ele confunde-se com a sua história. Quando questionada sobre uma possibilidade de sair da área, mareja os olhos, olha pro céu e sussurra "Deus me livre, moço, não quero sair daqui". Na pequena casa onde ela mora, vivem 11 pessoas.

Na mesma reportagem, outro morador mostra algumas plantas que plantou ao chegar ali: “É canela, garante Fritz: — Plantei quando viemos para as casas novas aqui, agora estão grandes. Gosto muito de morar no bairro. Podem até tentar nos tirar, mas já temos as raízes aqui”.

Por outro lado, na mesma reportagem, André Machado, que era Titular da Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária (Smharf) na época, alerta que não apenas a Vila Santa Terezinha está nas prioridades da revitalização como há outras comunidades em vista:

No projeto, o 4º Distrito é uma área ampla, que vai da rodoviária até a Avenida dos Estados: — É importante pontuar, pra não perder de vista. Depois da Ponte do Guaíba, tem outras vilas, ocupações. Uma série de outras situações que vão exigir olhar cuidadoso do poder público.

O “olhar cuidadoso” pode ser considerado um misto entre tentativas de tirar as pessoas e revitalizar/gentrificar o lugar e resistências que dificultam o processo, que podem atrasá-lo ou até mesmo interrompê-lo, a depender do que a opinião pública considerar sobre a questão. Outro ponto relevante é que as opiniões não são uniformes nem unânimes e se modificam conforme as transformações na cidade vão acontecendo, pois uma região com a qual o público tinha certa identificação ou empatia no passado pode, de repente, se transformar em algo negativo e reverter-se em apoio para a intervenção. Tudo depende da transformação no horizonte de expectativas e dos projetos coletivos que se estabelecem e que dependem de interesses

Embora haja uma conexão entre as categorias apresentadas até o momento, pode-se perceber, a partir dos dados expostos, que todo o apresentado se refere a

revitalização e gentrificação, que são dois polos da mesma moeda, termos que se referem ao mesmo processo, a depender de quem o usa.

No caderno-reportagem da ZH de 16 de novembro de 2014, “Em busca de um norte”³², faz-se um diagnóstico do lugar e há um apelo para que aconteça a revitalização e são trazidos planos que têm sido pensados para a região.

Em uma das lojas que restaram naquele momento, a Coruja Colorida, um comércio de tecidos que fica na esquina da Avenida Brasil, a moradora da região Wilma Lamp, de 90 anos, relata que:

Recorda com orgulho o tempo em que a Presidente Roosevelt abrigava um comércio pulsante e uma atmosfera que lembrava o centro da cidade. Chegou a pegar o tempo dos estivadores do porto, quando servia salame e bebida no bolicho que mantinha no sobrado onde é a loja atual. – Essa avenida era bonita, as moças se arrumavam e desfilavam, faziam “footing”, paqueravam. No Carnaval era muita animação, isso aqui enchia de gente, uma beleza! Pena que o comércio enfraqueceu e hoje ninguém tem dinheiro para arrumar os prédios – lamenta Wilma, que mantém o sobrado impecável.

Em sequência, na reportagem, há a apresentação de uma das únicas iniciativas de revitalização que estavam ocorrendo, a transformação do prédio da Companhia Fiação e Tecidos Porto-Alegrense (Fiateci), que foi derrubado para que fossem construídas quatro torres de apartamentos e um espaço comercial, empreendimento da construtora Rossi. Foram também derrubadas casas dos antigos trabalhadores, que ficavam na Avenida Polônia, para dar espaço a um centro comercial e outro prédio residencial, obra da construtora Cádiz.

Em relação às mudanças, as opiniões não são iguais nem consensuais. Luciana Marson Fonseca, professora de urbanismo do UniRitter, afirma que “não vê uma única medida, como a densificação, por exemplo, como solução. – Acreditamos na necessidade de uma cidade mais humana, segura, mista, com terrenos mais dinâmicos e menos cercamentos”. Já a prefeitura aposta todas as fichas na densificação do 4º Distrito como uma das únicas possibilidades atuais de renovação. Por outro ângulo, ainda, há os que percebem a questão de outra

³² Zero Hora, 16 de novembro de 2014, p.25-26. “Em busca de um norte”. Reportagem de Bruno Felin (texto) e Lauro Alves (imagens). Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/11/Quarto-Distrito-espera-ha-pelo-menos-30-anos-por-uma-revitalizacao-4643635.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

maneira: “De outro, os que enxergam – incluindo o Poder Executivo – um sopro de esperança, um primeiro passo para um futuro de renascimento”.

Na mesma reportagem, em relação ao papel do Vila Flores na revitalização da região:

–Há uma sobreposição de discursos aqui. Antes o bairro era conhecido apenas pela prostituição, pelo lado obscuro da sociedade, hoje também pela arte. É uma transposição de preconceitos grande. Mas a arte é um tempero. O que confere urbanidade são as pessoas usando o espaço público – define Lucas Piccoli, um dos arquitetos do Vila Flores.

Os empreendimentos dos bairros têm tido cada vez mais capital cultural e econômico empregados, para que haja uma agregação de valor e atraia um seletor público e, como consequência da subida dos preços, para que as pessoas substituídas por causa do alto aluguel nas redondezas. Grandes empreendimentos despontam um atrás do outro, em um efeito cascata, sem previsão de acabar. Nesse sentido, trazemos o exemplo do complexo multiuso URB Stage, gerido pela Arca Entretenimento e Grupo Austral, da reportagem de JC de 04 de agosto de 2021, Quarto Distrito, de Porto Alegre, receberá complexo multiuso³³, com números que impressionam:

Localizado na Rua Beirute, 45, no DC Navegantes (em frente ao Instituto Caldeira), o empreendimento, que ficará aberto sete dias por semana, 24 horas por dia, possui 2.400 m² de área útil, palco retrátil e climatização em todos os ambientes. A estimativa é receber entre 30 a 40 mil pessoas por mês no local. “O URB Stage é a realização de um sonho, um projeto incrível que une os conceitos de modernidade, estilo urbano e funcionalidade. Nosso objetivo era inaugurar em 2020, mas com o avanço da pandemia não foi possível. A estimativa é que cada evento gere de 100 a 300 empregos indiretos. São pessoas envolvidas na montagem, desmontagem e operação: som, luz, mobiliário, decoração, DJ, músicos, fotógrafos, garçons, segurança, limpeza, equipe técnica e estrutural”, destaca Ramiro Laurent, sócio da Arca Entretenimento.

Outro projeto bastante impressionante é o Complexo 4D, idealizado e construído pela ABF Developments, em que vamos os deter com mais informações

³³ Jornal do Comércio, 04 de agosto de 2021. “Quarto Distrito, de Porto Alegre, receberá complexo multiuso”. Sem autoria informada. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/economia/2021/08/804961-quarto-distrito-de-porto-alegre-recebera-complexo-multiuso.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

no próximo capítulo, em que há inovações como a moradia por assinatura, serviços de limpeza, manutenção e acesso a plataformas como Netflix e iFood.

— O 4º Distrito tem atraído um público disruptivo, criativo, independente, que hoje mora e trabalha em um lugar por alguns dias, e amanhã quer viver em outro. O 4D Complex House vai ser o centralizador dessas pessoas, oferecendo esse novo jeito de morar — diz o CEO da ABF, Eduardo Fonseca.

Para finalizar o capítulo, que buscou trazer algumas das discussões levantadas pelo material recolhido, trazemos um pequeno trecho de reportagem da ZH de 15 de novembro de 2014³⁴, Quarto Distrito espera há pelo menos 30 anos por uma revitalização. Além de discutir em que termos acontecerá a revitalização (gentrificação) do espaço, há um diagnóstico que ressoa e se faz pertinente até o presente momento:

– A partir do momento em que a prefeitura não apresenta um plano específico para a região, ela fica ao sabor dos interesses e precisa lidar caso a caso. Aí, às vezes, as obras são melhores para o investidor, às vezes melhores para a cidade – sustenta Roberto Py da Silveira, presidente do CAU-RS. Para o presidente do IAB-RS, a falta de planos claros causa insegurança jurídica aos proprietários. – Os investidores não sabem o que vai ocorrer naquela área. Assim, as grandes propriedades acabam funcionando como uma poupança da especulação imobiliária – avalia Tiago Holzmann da Silva.

Nesse sentido, além da especulação imobiliária, pode-se especular que a prefeitura, apesar de ter investido em projetos como o Masterplan e o 4D+, não tem planos em si para região, mas se orienta principalmente pelos interesses das construtoras e empreendimentos, o que pretende transformar a cidade em uma “selva urbana”, conforme veremos logo a seguir.

³⁴ Zero Hora, 16 de novembro de 2014, p.25. “Em busca de um norte”. Reportagem de Bruno Felin (texto) e Lauro Alves (imagens). Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/11/Quarto-Distrito-espera-ha-pelo-menos-30-anos-por-uma-revitalizacao-4643635.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

Capítulo 3 – Porto Alegre do Futuro: narrativas de um território idealizado

A partir do material recolhido sobre o 4º Distrito, uma das questões que o material mais evocou, que inclusive foi colocada como uma das categorias de análise, por causa da recorrência ao tema nas manchetes, reportagens e imagens, foi a construção do futuro. Nesse sentido, fizemos uma seleção qualitativa das imagens e modos de se referir ao futuro que foram recolhidas na coleta de dados e vamos articulá-las com teorias sociais e antropológicas contemporâneas, com a finalidade de entender como se dá a construção da narrativa sobre o futuro de Porto Alegre publicado pela mídia.

Em certo sentido, embora estejamos analisando um período relativamente contemporâneo, o passado está contido tanto no que se fala de uma nostalgia dos anos 1950-1960, conforme o que apareceu no capítulo anterior em que, por exemplo, a Farrapos era uma das ruas mais movimentadas da cidade e das fábricas operantes de uma modernização, além das histórias recuperadas por moradores de uma cidade que não existe mais, que está ali apenas em ruínas³⁵. Assim, para a análise do material, consideramos a proposição de Walter Benjamin sobre a ruína:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval.

Esta é a nona parte do *Sobre o conceito da História*, em que Benjamin se refere ao processo histórico como se fossem camadas sobre camadas, em uma

³⁵Trabalhos históricos sobre o 4º Distrito: FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Editora Garamond, 2004. BARTZ, Frederico Duarte. *Para além do Quarto Distrito: a territorialidade do movimento comunista em Porto Alegre (1918 a 1930)*. Revista Mundos do Trabalho, v. 14, p. 1-21, 2022.

catástrofe incessante, que é o processo histórico, e acumula ruínas. Nesse sentido, pode-se fazer uma relação entre o que Benjamin chama de progresso, que é o presente e o futuro, que estão em movimento e redefinindo o que existe e o que sobrou como ruína, o passado. São as ruínas que permitem entender o que ocorre, mas a recomposição é complexa, pois o vendaval do progresso afasta cada vez mais do que ocorrera. Assim, o que é possível é reconstruir o que resta através dos fragmentos, em contato com o presente e o futuro.

Acreditamos que, embora o capítulo fale sobre os projetos de futuro, o tempo é histórico em relação ao acervo e às imagens produzidas, mas isso não significa que exista apenas um tempo acontecendo nelas, nem mesmo no tempo em que vivemos. Há uma sobreposição de tempos, o que chamaremos de multitemporalidades, assim como diversas expectativas e maneiras de experienciar o tempo que coexistem nos objetos e nas dinâmicas sociais. Apesar de ser um pouco abstrato, o futuro é um modo de experienciar o tempo e dar sentido a ele que se fragmenta em várias possibilidades de análise, seja em projeção ao futuro, seja como modo de ressignificar o passado.



Cristovão Colombo nos anos 1920 - Acervo do Museu Porto Alegre Joaquim Felizardo³⁶

³⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2023/02/floresta-o-bairro-das-chamines-foi-o-primeiro-polo-industrial-da-capital-cldp3gm2l0025014sss0ptk7k.html>. Acesso em 05 abr. 2023.



Vista da Avenida Farrapos em 1959. Autor desconhecido³⁷.

³⁷ Disponível em: <https://acervos.cultura.rs.gov.br/index.php/br-rs-mcom-app-04-m03649-1>. Acesso em: 05 abr. 2023.



Rua Voluntários da Pátria no início do século XX. Autor desconhecido.

Disponível em: [Lume UFRGS](#)³⁸



Avenida Presidente Franklin Roosevelt em 1932. Fonte: Zero Hora (Imagem: Museu Joaquim José Felizardo)³⁹

³⁸ FRANCO, Álvaro; COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Gerônimo (orgs.). Porto Alegre: Biografia de uma cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro. P.102. Álbum Comemorativo ao Bicentenário da Cidade de Porto Alegre. Exemplar nº 417.

³⁹ Zero Hora, 15 de julho de 2013, p.38. “Quarto distrito, noite e dia”. Almanaque gaúcho - Ricardo Chaves. Não disponível on-line.



Avenida Presidente Franklin Roosevelt em 1967. Fonte: Zero Hora (Imagem: Grupo CEEE).

Também, em relação à questão da temporalidade, Rocha e Eckert (2013) desenvolveram a noção de etnografia da duração, que visa entender “a rítmica dos tempos superpostos que conformam os jogos da memória dos habitantes da cidade de Porto Alegre” (2013, p.16), ao compreender que o passado permanece e configura a prática imaginativa das pessoas no presente. Nesse sentido, “o reconhecimento de que as grandes metrópoles contemporâneas duram e os tempos desta duração vibram concretamente nas identidades narrativas fabricadas por seus habitantes, hoje e sempre” (2013, p.17).

Faremos agora uma breve retomada de alguns dos conceitos que são utilizados para o estudo do futuro na Antropologia. Para Bryant e Knight (2019), existem *orientações* temporais de diferentes profundidades e urgências, que são a antecipação, a expectativa, a especulação, a potencialidade, a esperança e o destino. Nesse sentido, a forma que o futuro se projeta no presente e o compõe, e as *orientações* são modos de futurização do presente. Essas *orientações* podem se intercruzar e fazem com que seja possível compreender como o futuro é projetado já no presente, o que direciona os atores a agir em relação a seus desejos e expectativas, ou ainda na empreitada de um projeto de construção sem fim.

Para eles, as *orientações* temporais são um modo possível para elaborar hipóteses sobre as teleologias indeterminadas e abertas do dia a dia. De acordo

com o dicionário on-line Michaelis, a definição de teleologia⁴⁰ na filosofia é a de “um conjunto de especulações que têm em vista o conhecimento da finalidade, encarada de modo abstrato, pela consideração dos seres quanto ao fim a que se destinam”. Os autores entendem que o tempo-espaço das materialidades da vida cotidiana pode auxiliar na compreensão do papel do futuro nas coletividades. O tempo, embora frequentemente relacionado ao tempo cronológico dos relógios e calendários, mostra-se como flexível, permeável e não-linear.

Diferente do tempo que o capitalismo neoliberal impõe, de acordo com os autores, é necessário situar o passado no presente através do tempo histórico e fazer uma reavaliação do caráter universal da condição neoliberal que vivemos. A partir disso, é possível afirmar que existe uma multitemporalidade em que as pessoas experenciam o tempo de diferentes maneiras, pois pode haver um estreitamento e um espessamento dos horizontes temporais em que o futuro pode ser maleável.

Em seguida, vamos recuperar um trecho de Harvey, a fim de introduzir uma mudança decisiva que ocorreu na década de 1980 que afeta o modo como as cidades se transformam. Ao analisar a dinâmica urbana a partir da mudança do modelo administrativo de governança das cidades para o empreendedorismo, conforme citado antes, David Harvey (2005) propõe uma imagem para a cidade do futuro a partir das ações da prefeitura e das parcerias público-privadas:

O resultado, naturalmente, é dar a impressão de que a cidade do futuro será uma cidade apenas de atividades de controle e comando, uma cidade informacional, uma cidade pós-industrial, em que a exportação de serviços (financeiros, informacionais, produção de conhecimento) se torna a base econômica para a sobrevivência urbana. (HARVEY, 2005, p.177)

A partir dessa percepção, podemos reunir um tema frequente em parte das narrativas nas matérias, que se relaciona à narrativa da *smart city* e do uso de tecnologias que, para parte das pessoas envolvidas com os projetos de renovação de Porto Alegre, tem relação com a modernização da cidade e a melhoria da qualidade de vida.

⁴⁰ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/teleologia/>
Acesso em 04 abr. 2023.

De acordo com Morozov e Bria (2019), o conceito de *smart city* não é único, pois o termo *smart* é bastante vago e aberto: “O que para alguns se refere em essência ao uso sensato e ecologicamente sustentável dos recursos da cidade, para outros significa a instalação de dispositivos inteligentes e interativos” (2019, p.16) que, em teoria, deveria servir para oferecer uma experiência de vida urbana com menos inconveniências de transporte, lixo e demais problemas urbanos. Para os autores, o conceito:

“*smart*” se refere a qualquer tecnologia avançada a ser implementada em cidades com o objetivo de otimizar o uso de seus recursos, produzir novas riquezas, mudar o comportamento dos usuários ou prometer novos tipos de ganho no que se refere, por exemplo, à flexibilidade, segurança e sustentabilidade – ganhos que decorrem essencialmente do ciclo de retroalimentação e do uso de dispositivos inteligentes providos de conectividade, sensores e/ou telas. (MOROZOV; BRIA, 2019, p.21-22)

Essa narrativa das *smart cities* evoca abstrações irreais e utópicas, que deixam de levar em consideração os problemas urbanos reais, ao não levar em consideração o que as pessoas teriam a dizer, e substituir participação por estratégias de vigilância e controle, o que se contrapõe ao que Harvey chama de direito à cidade, em que as pessoas deveriam fazer a cidade de acordo com seus desejos.

Em relação ao 4º Distrito, é nítido no material que há uma diferença entre dois tipos de imagens recorrentes, que são o que podemos chamar provisoriamente de “imagens abertas”, que evocam a narrativa artística e usam cores e diferentes tons em uma mesma imagem para despertar curiosidade e desejo de saber mais; e “imagens fechadas”, que apresentam grandes construções, revitalizações e prédios em que as cores e a arquitetura, embora sejam distintas, todas se parecem. Outro dado interessante é que, até 2015, as imagens predominantes são abertas e depois, a partir do Masterplan e agora do 4D+, há um incremento de imagens fechadas, dos grandes projetos a serem executados nos próximos anos, em que todos se parecem.

Por isso, a narrativa das *smart cities* se relaciona às imagens fechadas, que evocam sentidos restritos e entregam imagens que se fecham em si mesmas. São

aquelas imagens dos prédios que serão executados nos próximos anos. A imagem abaixo é uma das construções que serão feitas no antigo hospital Santo Antônio:



Hospital da Criança Santo Antônio. Fonte: Zero Hora⁴¹

A partir dela, podemos relacionar a imagem da construção, que prevê inclui conceitos sustentáveis de fontes alternativas de energia, captação e aproveitamento de água da chuva, telhado verde, iluminação em LED e sistema construtivo em *drywall* (gesso acartonado usado como alternativa à alvenaria) uma imagem de futuro do tipo fechado, tipo de construção característico da *smart city*, que uniformiza os sentidos ao não convocar diversidade, ao não consultar o que seria desejável para a comunidade ou mesmo para as pessoas que vão utilizá-lo, em uma uniformização do que é “viver bem”.

De certo modo, pode-se imaginar que quem vai morar e participar das práticas sociais em uma construção desse tipo é um público bastante específico e homogêneo e que isso “puxa” o desenvolvimento ao tornar cada vez mais caro aluguéis e possibilidades de vivência, o que segrega parte das pessoas que viviam no bairro. A imagem em seguida é mais um dos prédios previstos para a região, que foi chamado de Bewiki, com o investimento previsto de 45 milhões de reais:

⁴¹ “Projeto de R\$ 125 milhões preservará antigo hospital e criará mil empregos; veja fotos”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2021/04/projeto-de-r-125-milhoes-preservara-antigo-hospital-e-criara-mil-empregos-veja-fotos-cknet4lsm001p0198z7hssw8f.html> Acesso em: 06 abr. 2023.



Prédio ficará na Rua Sete de Abril, entre os bairros Floresta e Moinhos de Vento
Bewiki / Divulgação

Moinhos Germani (inaugurado em 1941) que está se transformando em Bewiki ⁴²

A imagem de futuro que é recorrente nas palavras de várias das reportagens e entrevistas são a percepção de que o reencontro com a criatividade, o empreendedorismo, a inovação podem ser uma garantia de melhores possibilidades de realizar o desejo de melhorar a cidade como se, por si mesmos, pela simples construção de prédios por grandes incorporadoras pudesse trazer mais trabalho e pessoas que usem seu dinheiro na cidade.

Também pode-se perceber que projetos como o Pacto Alegre e os *hubs* de inovação são símbolos da transformação da cidade e de como existe potencial para, no futuro, ser uma referência e expandir o mercado. A inovação e a criatividade estão de mãos dadas, como se estabelecessem uma ponte para conectar o presente e o futuro de Porto Alegre. As três imagens a seguir são do Complex 4D, complexo que prevê a junção de *lofts*, gastronomia, *coworking*, entre outras atividades. Além disso, há a “sustentabilidade” envolvida na construção.

⁴² “Complexo com moradia, lojas, área de trabalho e até aluguel de carro será construído em antigo moinho de farinha”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2021/10/complexo-com-moradia-lojas-area-de-trabalho-e-ate-aluguel-de-carro-sera-construido-em-antigo-moinho-de-farinha-ckv8893ls004a019mj97j76xw.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.





Três imagens do projeto previsto para a construção do 4D Complex. Fonte: Zero Hora. ⁴³

A segunda imagem promove uma imaginação para a vista do Guaíba de cima do prédio, com uma piscina e a vista da cidade de cima. Se olharmos para o resto da cidade, percebe-se de pronto que não há prédios no mesmo estio e que, se houvesse, possivelmente não seria possível observar o lago, pois os prédios promovem um tipo de privilégio que tira de uns e dá a outros mesmo quando não seria a intenção.

Ao olhar para a última imagem, embora saibamos que é de um lugar que ainda não existe, temos a impressão daqueles lugares impessoais, como aeroportos, em que todos se parecem em corredores cinzas ou brancos com luzes fosforescentes e padrões nas paredes.

As imagens evocam um futuro em construção, é certo, mas, ao mesmo tempo, são futuros higiênicos e sem sal, em que as cores são pastéis e não há diferença entre as pessoas que frequentam, que não há diversidade, nem de pessoas, nem de cores. A imagem a seguir é de um projeto de Data Center que será feita no 4º Distrito:

⁴³ ““O 4º distrito tem alma”, diz empresário que erguerá complexo com estrutura centenária de fábrica”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2021/12/o-4o-distrito-tem-alma-diz-empresario-que-erguera-complexo-com-estrutura-centenaria-de-fabrica-ckxjblbp005x0188f3sys8ud.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.



Projeto do prédio da Scala Data Center para Porto Alegre
Scala Data Center / Divulgação

Scala Data Center a ser instalado na Avenida Pernambuco, nº 1.124. Fonte: Zero Hora⁴⁴

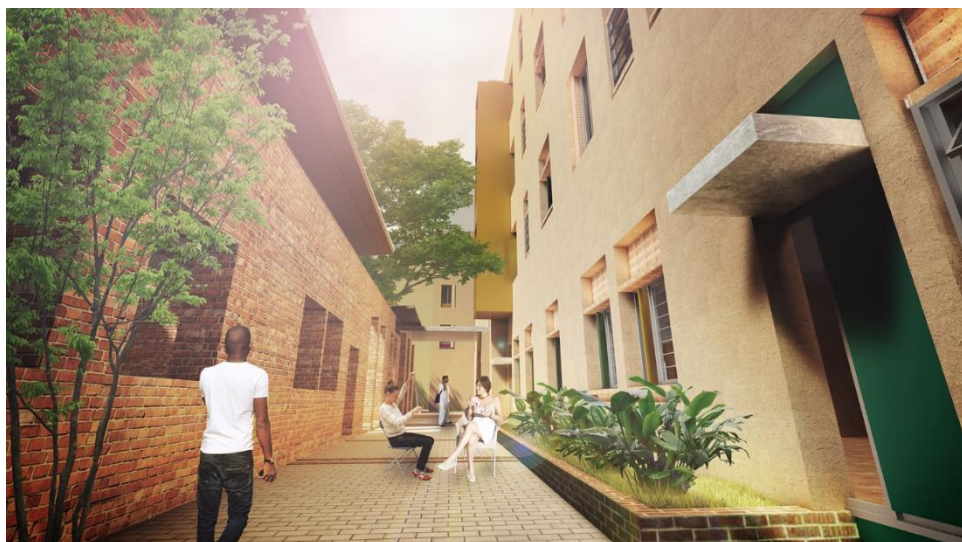
Por um lado, o futuro se apresenta em concreto e vidros espelhados com a vida interligada através da Internet das Coisas e de projetos sustentáveis. Ao mesmo tempo, pode-se questionar como que o futuro parece promissor e traz um horizonte de expectativas preche de possibilidades para algumas pessoas, promete tão pouco para as pessoas que tiveram (ou terão) que ceder suas moradias, que são a maioria das pessoas que vivem na região, não compartilham a mesma expectativa de futuro.

Ou seja, o “futuro” não é para todos, em que há uma multitemporalidade em que há possibilidades distintas para as pessoas, embora o discurso midiático faça questão de noticiar iniciativas de projetos sociais que existem como solução paliativa para uma pequena parte da população que é afetada com essas transformações.

Até mesmo as ideias e narrativas para moradia social não escapam do ideal da *smart city*. Terão sido ouvidos os desejos dos moradores antes de elaborar o projeto? As imagens a seguir sugerem como será revitalizado o prédio que foi

⁴⁴ “Do metaverso à internet das coisas, data center do 4º Distrito poderá impulsionar negócios na Capital”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/10/do-metaverso-a-internet-das-coisas-data-center-do-4o-distrito-podera-impulsionar-negocios-na-capital-cl8vuc4qo005i018w2mtym8b8.html#:~:text=Opera%C3%A7%C3%B5es%20estar%C3%A3o%20distribu%C3%ADas%20em%20uma%20C3%A1rea%20de%204%2C6%20mil%20metros%20quadrados&text=Um%20data%20center%20com%20investimento,impulsionar%20neg%C3%B3cios%20em%20Porto%20Alegre> Acesso em 06 abr. 2023.

tomado pela Ocupação XV de Novembro, em uma parceria entre a prefeitura, um escritório de arquitetura e a ocupação para promover moradias de valor social:



Projeto de revitalização do fachada do Assentamento 20 de Novembro. Fonte: Sul 21.⁴⁵

Um modo recorrente de se referir ao 4º Distrito utilizado pelas pessoas ligadas ao movimento de revitalização/gentrificação da cidade é o entendimento da região como uma cidade laboratório, em que serão testados modelos de revitalização e desenvolvimento que, se funcionarem de acordo com o esperado, servirão de modelo para a cidade toda. A partir de um experimento, pode-se

⁴⁵ ‘É possível famílias de baixa renda morarem no Centro’: Começa reforma do Assentamento 20 de Novembro”. Disponível em: https://sul21.com.br/cidadesz_areazero/2018/05/e-possivel-familias-de-baixa-renda-morarem-no-centro-comeca-reforma-do-assentamento-20-de-novembro/. Acesso em: 06 abr. 2023.

perceber o que deu certo e errado e, pode-se definir o que acontecerá em seguida. Não há certeza do que vai acontecer em um experimento, ainda mais quando isso não foi estudado e amadurecido antes de acontecer. De certo modo, o futuro também se projeta, pela fala da cidade laboratório, para a transformação de outros bairros, que poderão vir a desaparecer para que as tão esperadas construtoras ofereçam soluções desenhadas sob medida para as classes médias e altas.

O segundo tipo de imagens se relaciona aos empreendedores criativos, que estão em busca de um tipo de cidade mais colaborativo. Nelas, é possível imaginar o que acontece na região e até mesmo despertar o desejo de andar pela rua.



Rua no bairro Floresta. Fonte: Correio do Povo (Paulo Nunes – CP Memória).⁴⁶

De um certo modo, ainda que restem ruas para caminhar, como a da imagem, elas estão destinadas ao fim, pois a existência de torres torna o ambiente diverso, onde não é possível espiar casas nem experienciar o aconchego que certas ruas de bairros pequenos proporcionam. O futuro se sobrepõe e promete uma modificação grande em que ruas como essa serão mais raras. Nesse sentido, olhar

⁴⁶ Correio do Povo, 17 de julho de 2016, p.6-8. “Capital busca seu distrito criativo”. Reportagem de Heron Vidal. Imagem não disponível on-line, apenas na versão impressa.

para essa região e imaginar o futuro a partir dela serve para prever o futuro, não no sentido profético, mas no sentido de pré-visualizar as possibilidades da cidade e ver se é isso que se deseja de fato e, caso não seja, imaginar como é possível estabelecer resistências aos projetos.

Por outro lado, em relação a discussão sobre o futuro, evidenciam-se as emergências/ catástrofes/ crises das pessoas, que começaram a ser mais estudadas a partir dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e a crise econômica de 2008, em que “left many people around the world unable to anticipate the following day” (2019, p.9), o que gerou questões sobre como lidar com situações em que o futuro parece deixar de existir/ de ser uma possibilidade.

Nesse sentido, a emergência global em relação aos fatores climáticos e aos recursos naturais, os limites ecológicos do planeta, considerado como tempo do Antropoceno, também impedem que possamos imaginar uma volta do passado, aos tempos abundantes ou do pleno emprego, o que faz com que o futuro seja reduzido ao presente e que seja, em sua maior parte, incerto.

Nas imagens a seguir, podemos perceber um contraste. A imagem na sequência é da rua em que o Complex 4D está sendo construído, em que o que chama a atenção é a carroça, um pequeno casebre de madeira e materiais reciclados, ao lado. Ao fundo, vemos alguns prédios, que estão para o centro de Porto Alegre e, no ponto da imagem que não vemos, o ponto de vista do observador que clicou a câmera e produziu a imagem, há a construção do Complex 4D com toda sua riqueza de possibilidades tecnológicas e sustentáveis. Para quem vive ali, o futuro é mais do que incerto. Talvez, para ele, seja o fim do mundo como ele conhece.



Imagem das imediações onde será construído o 4D Complex. Fonte: Zero Hora – André Ávila ⁴⁷

Em notícia de O Sul do dia 17 de agosto de 2022, “Aprovado projeto de revitalização do 4º Distrito, em Porto Alegre”, que institui o projeto 4D+ e propõe a regularização das casas, bem como a negociação, o reassentamento e a “formalização de pequenos negócios com recicláveis, intensificação de abordagem da FASC, combate a operações clandestinas e ilegais e formalização de atividades informais”. Nesse dia, para parte das pessoas que moravam em regiões disputadas pelas construtoras, há um futuro que se estilhaçou, com o fim das expectativas e das esperanças. Para quem compareceu à votação do projeto de revitalização do 4º distrito e descobriu ali que não terá lugar para morar e, caso sejam ressarcidos pela prefeitura, o valor será irrisório e suas vidas serão completamente afetadas pelas decisões dos políticos, o momento selou um destino de incerteza, como é possível observar nas faixas frases como “luta pelas casas, fomos enganados” ou “o povo quer moradia popular no 4D”:

⁴⁷ “Veja como bulevar deve conectar o 4º Distrito ao Moinhos de Vento”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/03/veja-como-bulevar-deve-conectar-o-4o-distrito-ao-moinhos-de-vento-cl08j13f80075017c2drludhh.html> Acesso em: 06 abr. 2023.



Nas galerias, faixas expressavam pedidos de comunidades por moradia popular e contra despejo
Gabriel Ribeiro / CMPA / Divulgação

Votação do projeto de lei para um Plano Diretor específico para o 4º Distrito. Fonte: Zero Hora
(Imagem: Gabriel Ribeiro / CMPA) ⁴⁸



Moradores de ocupação protestaram contra a exclusão das famílias em situação irregular dos planos da Prefeitura | Foto: Divulgação

Votação do projeto de lei para um Plano Diretor. Fonte Sul 21 específico para o 4º Distrito ⁴⁹.

⁴⁸ “Câmara Municipal aprova projeto que permite plano diretor específico para o 4º Distrito”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/08/camara-municipal-aprova-projeto-que-permite-plano-diretor-especifico-para-o-4o-distrito-cl6y9ch5v009y017ref9vur0.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

Ao mesmo tempo, outro referente recorrente no material recolhido se relaciona à narrativa do futuro é o de “criar uma cidade boa para se viver”, em que Porto Alegre será a “cidade do futuro” em que é necessário ter mais do que a economia, mas que as pessoas, os lugares e as iniciativas se complementem e seja possível viver sem ter de sair para ter uma carreira promissora. Será que a cidade boa para se viver é aquela em que há divisão entre tipos de pessoas, em que umas ter direito de viver em lugares com boas condições, perto dos principais serviços como hospitais e lojas, e podem praticar certas práticas culturais enquanto outros não tem pelo simples fato de terem apartado as pessoas de seus espaços, para que outros fossem privilegiados.

E, nessa imagem completamente contrastante com o tema anterior, pode-se ver um exemplo de um portal instalado em Porto Alegre, o Portal 4D, com o investimento de 3 milhões de reais, para proporcionar para as pessoas uma possibilidade de fugir do tempo, para ir para outra dimensão em que o tempo não existe (pelo menos por algumas horas).



Portal 4D. Fonte: Zero Hora⁵⁰

⁴⁹ “Sob protesto de moradores de ocupações, Câmara aprova programa para revitalizar o 4º Distrito”. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2022/08/sob-protesto-de-moradores-de-ocupacoes-camara-aprova-programa-para-revitalizar-o-4o-distrito/>. Acesso em: 06 abr. 2023.

⁵⁰ “Porto Alegre terá Portal 4D para “perder a noção do tempo”, mas como vai funcionar?”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/marta-sfredo/noticia/2022/05/porto-alegre-tera-portal-4d-para->

As próximas imagens são do empreendimento que foi aprovado entre o final de 2022 e início de 2023. A primeira é de como a fábrica está hoje, com pichações e marcas do tempo, assim como com árvores e a possibilidade de olhar para o céu e observar o que há no entorno. Na sequência, a imagem do arranha-céu que será construído no lugar, que será o prédio mais alto de Porto Alegre. Que talvez seja a inauguração da série de superprédios que serão construídos a partir da remoção do limite de altura dos prédios no 4º Distrito. E talvez, logo mais, se o laboratório der resultados considerados bons, em toda a cidade.



Preparação do terreno para a construção do Bewiki. Fonte: Zero Hora (imagem: Guilherme Gonçalves)⁵¹

[perder-a-nocao-do-tempo-mas-como-vai-funcionar-cl30kxt0p001p019iqyoclwb3.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2023/02/comeca-preparacao-do-terreno-para-construir-predio-que-sera-o-mais-alto-de-porto-alegre-clefpqcf0003d016mkzerpgrxf.html). Acesso em: 06 abr. 2023.

⁵¹ “Começa preparação do terreno para construir prédio que será o mais alto de Porto Alegre”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2023/02/comeca-preparacao-do-terreno-para-construir-predio-que-sera-o-mais-alto-de-porto-alegre-clefpqcf0003d016mkzerpgrxf.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.



Projeção para o Bewiki, que será o prédio mais alto de Porto Alegre. Fonte: Zero Hora.⁵²

Nesse sentido, cabe também recuperar o artigo escrito por Ramiro Rosário, que é o relator do Plano Diretor do 4º Distrito, publicado na ZH de 24 e 25 de dezembro de 2022, O futuro para o alto⁵³. No artigo, Rosário defende os arranha-céus como construções mais sustentáveis e ecologicamente corretos e que o modelo ideal de cidade é Hong Kong, na China, em que há menos emissões de carbono, devido à forma vertical. Para ele, “a cidade do futuro será um organismo vivo. Serão selvas de concreto sem concreto” e cita o exemplo A casa do futuro, um ambiente de 32 m² que “pode ser escritório, casa ou espaço de lazer. Tudo controlado na palma da mão, por um aplicativo. Logo, logo, morar em um apartamento será como viver em uma casa da árvore, só que elegante, confortável e prática”.

Em outro artigo, Para o alto ou para os lados⁵⁴, da ZH de 14 e 15 de janeiro de 2023, o CEO da ABF Empreendimentos Eduardo Fonseca opina sobre a questão e é favorável ao expandir para cima, a exemplo do 4D Complex, em que “a

⁵² ““A torre acompanha o caminho do sol”, conta idealizador do projeto para o prédio mais alto de Porto Alegre”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/giane-guerra/noticia/2022/11/a-torre-acompanha-o-caminho-do-sol-conta-idealizador-do-projeto-para-o-predio-mais-alto-de-porto-alegre-cla15yzdy002u0170q136izl1.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

⁵³ Zero Hora, 24 e 25 de dezembro de 2022, p.9 (Caderno doc). Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/12/ramiro-rosario-olhe-para-cima-e-imagina-a-porto-alegre-do-futuro-clbxpg7pz00370182aqx06ti4.html>

⁵⁴ Zero Hora, 14 e 15 de janeiro de 2023, p.11 (Caderno doc). Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/01/para-o-alto-ou-para-os-lados-novos-pontos-de-vista-para-expandir-porto-alegre-clctclpct000t0182lg5htsb3.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

arquitetura arrojada e escalonada em direção ao rio valoriza o design e a forma, cada vez mais importantes para o novo consumidor”.

Em contraponto, em artigo publicado na ZH como resposta a Rosário, de 7 e 8 de janeiro de 2023, Não olhe para cima⁵⁵, Marcelo Träsel contesta a argumentação, “duvido muito que as políticas impostas pela prefeitura e sua base de apoio levem Porto Alegre a essa utopia”, pois não existem retornos reais de contrapartida das construtoras. De acordo com Träsel, “as incorporadoras poderão construir arranha-céus sem limites de altura no Centro e tudo o que precisam devolver à cidade são obras que valorizam seu próprio produto”. Para ele:

O discurso de Rosário e do prefeito Melo, de que “adensar” a cidade vai permitir às famílias de baixa renda viverem mais próximas de equipamentos públicos, é só isso mesmo: discurso. Elas vão seguir excluídas das zonas centrais, as quais serão dominadas pela especulação.

Assim, para encerrar este capítulo, há algumas questões: se a promessa da “requalificação” se confirmar, será que, ao observar as belas ruas do Floresta, não estamos na verdade vivenciando o que está em pouco tempo prestes a virar ruína? Será que sobrarão apenas restos do que um dia era comunidade e vida compartilhada mas que se transformaram em mercadoria para atrair consumidores?

A partir desse estado de coisas, Ailton Krenak, intelectual indígena, tece uma crítica à homogeneização das subjetividades que o neoliberalismo produz e traz à tona uma percepção das cidades contemporâneas que é útil à nossa discussão:

Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando remédio. (...) Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. (KRENAK, 2020, p.20-21)

A cidade do futuro que se relaciona com a *smart city* pode ser considerada uma distopia, no sentido que a proporção em que há uma “limitação da capacidade de invenção, criação, existência e liberdade”, através do sistema de vigilância e

⁵⁵ Zero Hora, 07 e 08 de janeiro de 2023, p.11 (Caderno doc). Versão com título diferente e conteúdo similar disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/01/marcelo-trasel-sobre-a-porto-alegre-do-futuro-nao-olhe-para-cima-clciccqgs00730182ef1subgk.html>. Acesso em: 06 abr. 2023.

controle digitais e, mais do que isso, ao proporcionar experiências idênticas umas às outras e propor uma existência que seja a de uma elite, pertencente às classes altas e médias, que apaga as outras pelo seu modo de existir.

A questão da sustentabilidade, recorrente no decorrer do capítulo anterior, é pensada por Krenak como o “mito da sustentabilidade”, pois ao tornar aparente a preocupação com o meio ambiente em meios onde as grandes incorporadoras e demais setores econômicos de tecnologia utilizam os “recursos naturais” em benefício próprio, ao tomar ações para minimizar o impacto do modo de vida de consumo, o que justificaria o assalto que acontece diariamente à Natureza, para estabelecer e manter em voga um modo de vida insustentável por natureza.

O tempo do neoliberalismo parte do pressuposto de uma narrativa globalizante e superficial, que ignora e leva às periferias todos aqueles que não partilham da mesma teleologia, que é o consumo desenfreado e objetificação das relações humanas. Assim, há um problema profundo, que é a ausência de sentido:

Nosso tempo é especialista em produzir ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar e de cantar. (KRENAK, 2020, p.26)

Há um contraste grande entre a humanidade, que se relaciona com as crenças “esclarecidas” e civilizadas, e promove o fim das subjetividades por tentar tornar homogêneo o modo de vida das pessoas e o que, ironicamente, Krenak chama de sub-humanidade, que é aquela que não aceita o apagamento de suas raízes e narrativa de origem, de sua ligação com a terra, que mantém a conexão com a natureza, com as montanhas e com o céu.

Para Krenak, não somos todos iguais, e essa é uma das belezas da existência, a promoção da diversidade e diferentes cosmovisões coexistindo. O problema principal é que a cosmovisão neoliberal e a perpetuação do consumo vão impossibilitar, no futuro, a existência de todas as outras vidas, inclusive elas mesmas. O consumo ocupou o lugar do que era antes cidadania/alteridade, o que tornou algumas pessoas, desconectadas de sua história ancestral, alienadas do mínimo exercício de ser.

Como parte das possibilidades futuras, também é importante trazer uma alternativa distópica do que pode ser o futuro, a partir do tempo sem interrupção, em que o consumo assumiu a maior importância na vida das pessoas. Crary apresenta o que seria o tempo do consumo 24 horas e 7 dias por semana:

O que é novo é o amplo abandono da pretensão de que o tempo possa estar acoplado a quaisquer tarefas de longo prazo, inclusive a fantasias de “progresso” ou desenvolvimento. Um mundo 24/7 iluminado e sem sombras é a miragem capitalista final da pós-história, de um exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica. (CRARY, 2014, *e-book*)

Em um tempo em que não há rituais, não há diferenciações nem marcadores, o tempo se torna um contínuo que impossibilita a história e a atribuição de sentido a partir do que aconteceu (pois nada aconteceu, o tempo é sempre o mesmo). Em outro livro sobre as tecnologias, no qual concorda em muito com Krenak, Crary tece uma crítica ao que ele chama de complexo internético, que envolve tanto a internet quanto os aparelhos que dependem dela, e que seu uso cria uma narrativa generalizada sobre a condição desmaterializada das tecnologias digitais que promove o empobrecimento e a corrosão da experiência individual e compartilhada (2023, p.11), o que inclui:

a desativação da memória e a absorção das temporalidades vividas – não o fim da história, mas sua transformação em algo irreal e incompreensível. A paralisia da lembrança ocorre individual e coletivamente: ela pode ser notada na transitoriedade dos artefatos “analógicos” que são digitalizados – em vez de serem preservados, têm como destino o esquecimento e a perda, que não são percebidos por ninguém. (CRARY, 2023, p.22-23)

Em uma sociedade em que os laços comunitários e históricos que ligam as pessoas a ideais e lutas por questões, a transformação da memória em algo corrompido, que não permite um olhar do sujeito que recomponha e que reescreva os acontecimentos em uma ordem, faz com que as causas de luta sejam esvaziadas e, conseqüentemente, não haja sentido viver em comunidade, o que promove o “desespero” e a “desesperança”:

As temporalidades inabitáveis do capitalismo infundem desespero e desesperança nas condições de trabalho e de vida em coletividade. Tudo o que é necessário para um senso mínimo de estabilidade – seja o trabalho, um lugar para morar, comunidades ou saúde pública – foi projetado para estar sempre a ponto de ser descartado, reduzido, tomado, demolido. (CRARY, 2023, p.40)

Nesse sentido, a construção da narrativa do futuro acaba por apresentar, ao mesmo tempo, uma utopia, ao se colocar como uma solução automatizada para facilitar a vida contemporânea, ao mesmo tempo em que se coloca como uma distopia, pois, ao produzir uma cidade em que há megaempreendimentos, também há uma parte da cidade que fica relegada à pobreza, ao trabalhar e ficar relegada ao segundo plano, o que acaba por transformar as relações sociais e coletivas, pois há um contínuo apagamento das comunidades com a construção de cidades sem história nem identidade, já que todas se parecem.

Considerações finais

Assim como no início, vamos retomar o trabalho que fizemos, que trouxe análises do material e do corte de pesquisa proposto. Buscamos apresentar como está ocorrendo o processo de gentrificação na região do 4º Distrito, assim como tensões e resistências. No último capítulo, buscamos reconstruir, a partir das imagens recuperadas no material, uma das narrativas elaborada imageticamente pela mídia para a elaboração de uma narrativa coletiva em que o futuro envolve prédios enormes e sem personalidade, como se o futuro só fosse possível a partir de prédios maiores e inteligentes e como se o futuro só existisse para uma parte específica da população, a classe média e alta.

Ainda restaram alguns pontos a serem discutidos, pois um Trabalho de Conclusão de Curso é sempre um começo em relação a algum tema. Além disso, o *corpus* selecionado era razoavelmente grande, de modo que seria necessário mais tempo para reconstruir de acordo com a complexidade necessária todas as questões que são levantadas neste trabalho.

A partir do problema de pesquisa sobre as imagens e os narrativas do 4º Distrito, publicados em diferentes mídias impressas e digitais entre 2013 e 2023, esperamos ter apresentado um panorama dos materiais recolhidos nos jornais para elaborar tanto o processo de gentrificação que está ocorrendo no 4º Distrito a partir das falas de pessoas que participaram direta e indiretamente. A partir da Teoria Fundamentada, foi possível decompor o material e reorganizá-lo a partir das categorias propostas, com a finalidade de tornar mais evidentes alguns aspectos das transformações que estão ocorrendo na região.

Como objetivo geral, definimos uma necessidade de compreender de que modo a mídia tem construído a questão da revitalização/requalificação/renovação da região através das mídias publicadas, o que analisamos como uma moeda com dois polos, a gentrificação e a revitalização, e ela ganha sentidos a depender de quem usa a palavra.

Como objetivos específicos, pretendíamos analisar como acontece a construção das narrativas dos bairros nas reportagens e demais publicações, e trouxemos a categoria Porto Alegre do Futuro para elaborar o que é pensado para o futuro mas que coexiste com o passado e é percebido em múltiplas temporalidades. Outro objetivo era fazer um mapeamento de como a gentrificação se configura no

material recolhido e articular categorias de análise que permitam uma percepção acerca da atuação da mídia na percepção dos bairros, o que esperamos ter feito a partir das categorias de análise elencadas no capítulo 2.

No capítulo 3, pode-se dizer que a distopia convive com a utopia pois, ao mesmo tempo em que são produzidas *smart cities* e prédios extremamente tecnológicos, há ao mesmo tempo uma produção da miséria e da pobreza, que relega parte da população a outras partes da cidade em que as condições de vida são mais precárias. Ou seja, há uma simultaneidade entre a utopia e a distopia, que se acompanham na produção das cidades e que não são percebidas e vividas do mesmo modo pelas pessoas.

Nesse sentido, cabe a necessidade de heterotopias, conceito de Michel Foucault, que “tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (2013, p.24). Para que sejam criados outros espaços dentro da cidade, que possam proporcionar novas perspectivas e novos olhares sobre o que existe, é necessário criar novos espaços, *espaços absolutamente outros*, em que utopias e distopias ficam em suspenso e possa ser elaborado o novo, onde seja possível imaginar outros modos de viver. Que existam heterotopias em que exista “a contestação de todos os outros espaços” (2013, p.28), como as versões da “selva urbana” e das *smart cities* são promovidas como soluções e que, na verdade, servem a tão poucos. Criar espaços de heterotopia para que sejam possíveis novos sonhos e utopias. Para que assim possa de fato existir um futuro.

Bibliografia

ALMEIDA, N. L.; CAMPOS, H. Á. Dinâmica imobiliária da habitação em bairros adjacentes ao centro de Porto Alegre/RS. **Cadernos Metrópole**, v. 24, n. Cad. Metrop., 2022 24(53), jan. 2022.

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. *E-book*.

BROWN-SARACINO, J. **The gentrification debates**: a reader. Routledge, 2010.

BROWN-SARACINO, J.; RUMPF, C. "Diverse Imageries of Gentrification: Evidence from Newspaper Coverage in Seven U.S. Cities, 1986-2006." **Journal of Urban Affairs**, v. 33, n. 3, 2011, pp. 289–315.

BRYANT, R; KNIGHT, D. M. **The anthropology of the future**. Cambridge, United Kingdom; New York, NY, USA : Cambridge University Press, 2019.

CUNHA, O. M. G. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. **Estudos Históricos: Antropologia e Arquivos**, Rio de Janeiro, nº 36, p. 7-32, jul. - dez. 2005.

COHEN, N.; SEID, G. Producción y análisis de datos cualitativos. In: **Metodología de la investigación, ¿para qué?**: la producción de los datos y los diseños. Néstor Cohen et al. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2019.

CRARY, J. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014. *E-book*.

CRARY, J. **Terra arrasada**: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo, Ubu, 2023.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

FIX, M; PAULANI, L. M. Considerações teóricas sobre a terra como puro ativo financeiro e o processo de financeirização. **Revista de Economia Política**, vol. 39, no 4 (157), pp. 638-657, outubro-dezembro/2019.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico**: as heterotopias. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1, 2013.

FRÚGOLI JR., H.. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 48(1), p. 133–165, jan. 2005.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAHORGUE, M. L.; SOARES, P. R. R.; CAMPOS, H. Á.. Porto Alegre como máquina de crescimento: a produção habitacional recente na metrópole. **Cadernos Metrópole**, v. 24, n. Cad. Metrop., 2022 24(54), maio 2022.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 8ª ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2008.

LLOYD, R. D. **Neo-Bohemia**: art and commerce in the postindustrial. 2nd ed. Routledge: New York, 2010.

MAGNANI, J. G. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo social**, vol.15, n.1, p.81-95, 2003.

MARX, V. (org). **4° Distrito a partir do olhar dos atores sociais no Bairro Floresta**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2022.

MARX, V.; ARAUJO, G. O.; SILVA, L. H. A. da; SOUZA, V. G. A cultura, o patrimônio e uma possível gentrificação do bairro Floresta em Porto Alegre - RS. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 19, n. 1, p. 153–170, 2022.

MELE, C. **Selling the Lower East Side: Culture, Real Estate, and Resistance in New York City**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

MILLS, J. W. **A imaginação sociológica**. 6ª ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

MOROZOV, E; BRIA, F. **A cidade inteligente – Tecnologias urbanas e democracia**. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2019.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PLATT, J. Evidence and Proof in Documentary Research: 1. **Sociological Review**, v. 29, n. 1, p. 31–52, 1981.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**. São Paulo, Boitempo, 2015.

SIMMEL, G. “A Metrópole e a vida mental”. In: VELHO, O. G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 10-24.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, 11(2), p.577-591, 2005.

SMITH, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, nº 21, p.15-31, 2007.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2ª ed. Trad. Luciane de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SALAZAR, J. F; PINK, S; IRVING, A; SJÖBERG, J. **Anthropologies and Futures: Researching Emerging and Uncertain Worlds**. London/New York: Bloomberry, 2017.